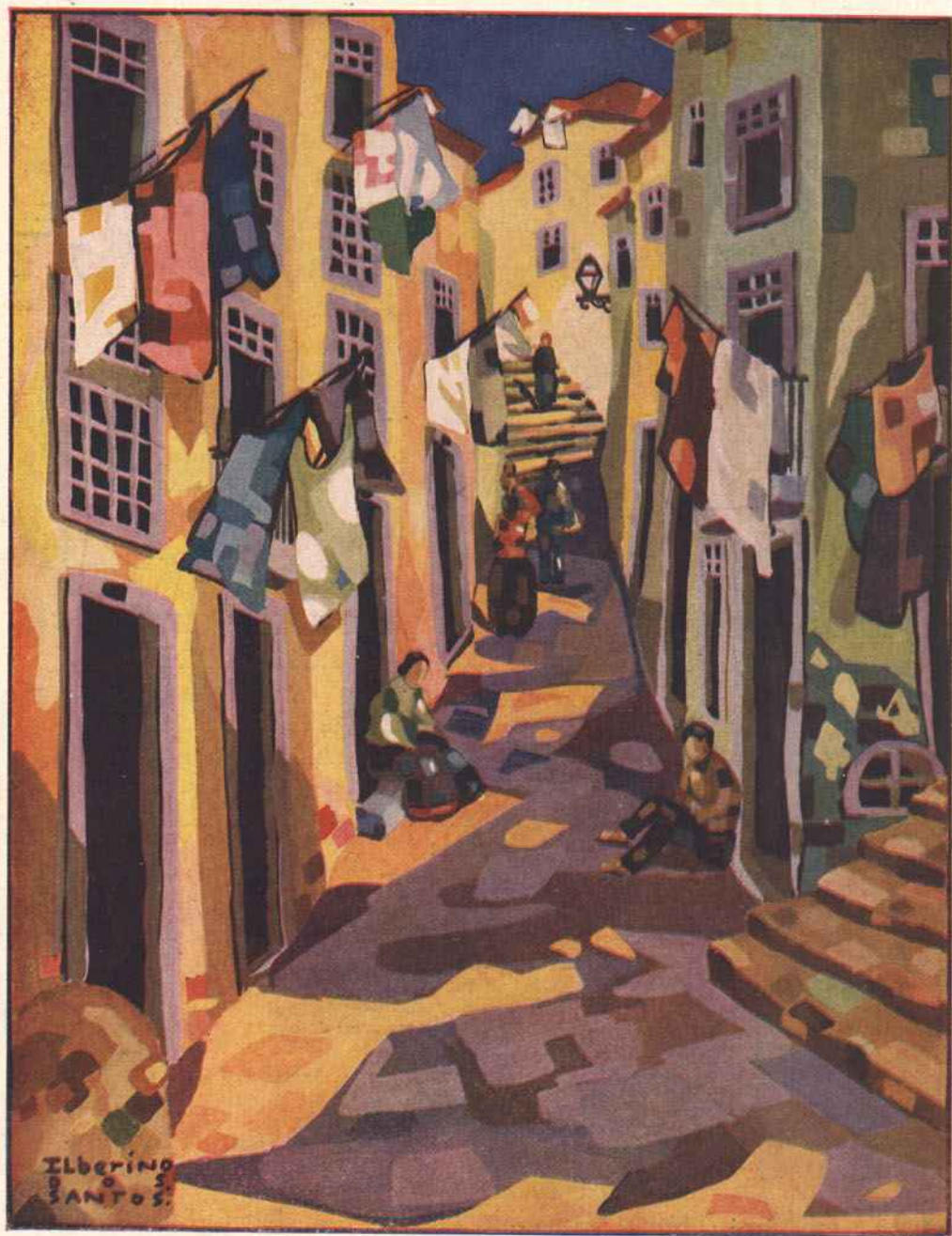


Amorino *Spiral*

Ilustração



A N O
5.º -

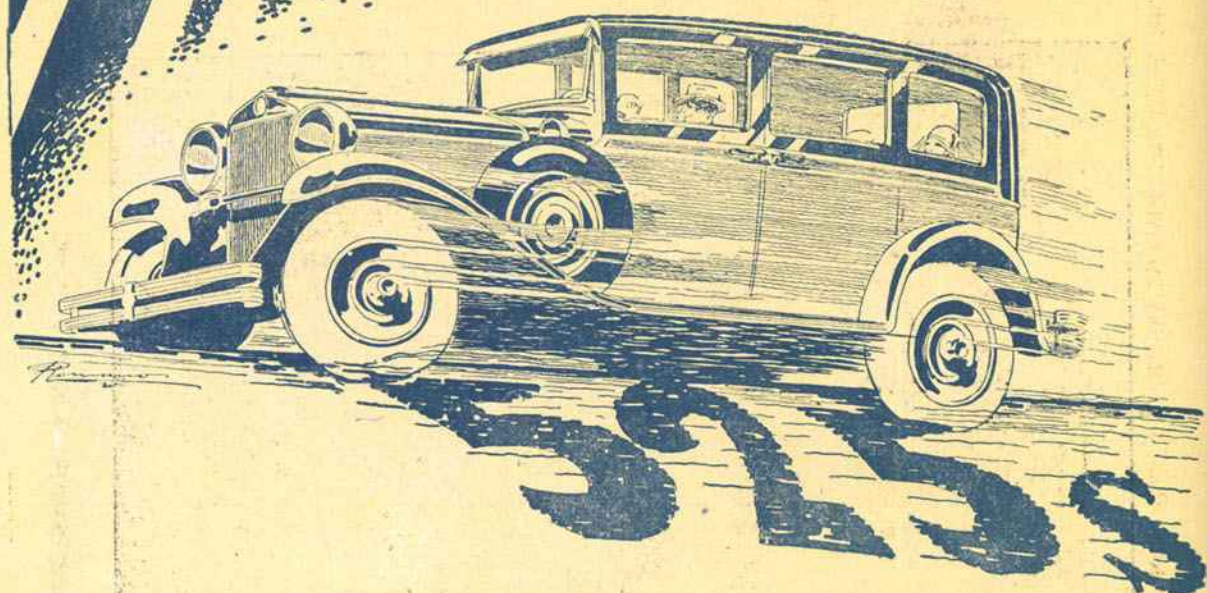
Lisboa, 16 de Agosto de 1930

PREÇO - 4\$00

Número
-112-

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

FIAT



O "525^S,"

**É O MAIS SPORTIVO DOS CARROS DE TURISMO
O MAIS TURÍSTICO DOS CARROS SPORT**

Grande potência e elasticidade de motor, suavidade e silenciosidade de marcha. Travões potentes e eficazes. Carrosserie cómoda e luxuosa

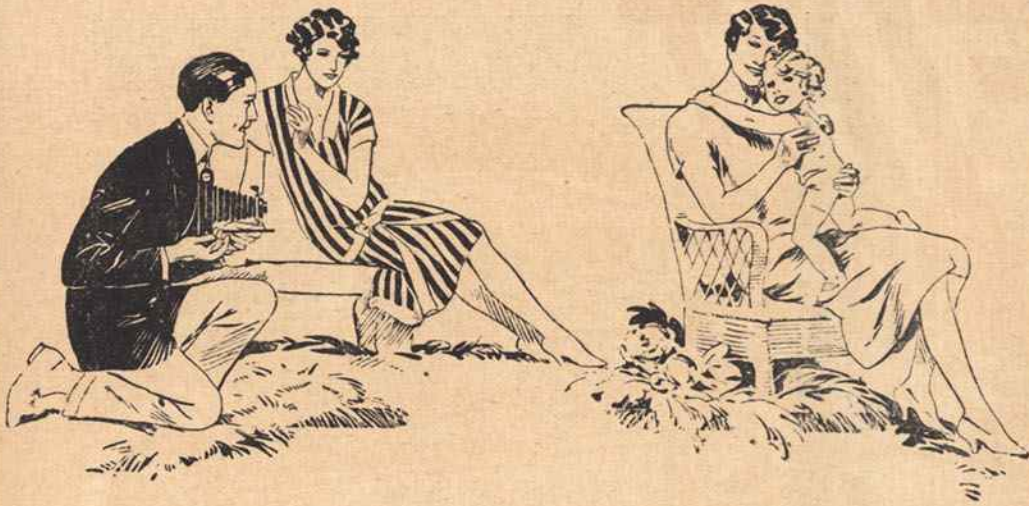
EXPERIMENTAI-O!

O "525^S," pode ser fornecido com culatra especial de super-compressão e duplo carburador, mediante um pequeno suplemento. Este dispositivo permite-lhe atingir a velocidade de 130 quilómetros à hora

FIAT PORTUGUEZA S. A.

PALACIO DA AVENIDA: Avenida da Liberdade, 253
LISBOA - Tel. N. 2928

Rua de Santa Catarina, 122
PORTO - Tel. 1094



Dentro de vinte anos! . . .

Os vossos filhos poderão ser, ainda passados muitos anos, os Bébés, cheios de vida, de alegria, irrequietos, graciosos, que hoje constituem o vosso maior enlevo, o vosso mais legítimo orgulho! Esse milagre realiza-lo-ha um «Kodak» — o maravilhoso aparelho, que fixará as suas mais fugitivas expressões!

O encanto dos Bébés ficará eterno em fotos “Kodak”

Como é fácil, seguro, económico, registar em instantaneos «Kodak» toda a adorável infancia dos vossos Bébés! A Companhia Kodak, pôs ao vosso alcance aparelhos simples e eficientes que aprenderéis a manejar em alguns minutos e que vos darão os mais perfectos resultados. Não deixeis passar mais um dia sem constituir o album dos vossos filhos que, mais tarde, vós e eles apreciareis enternecidamente, como a melhor recordação da sua infancia.

«Kodaks» desde 130\$00
«Brownies» desde 70\$00

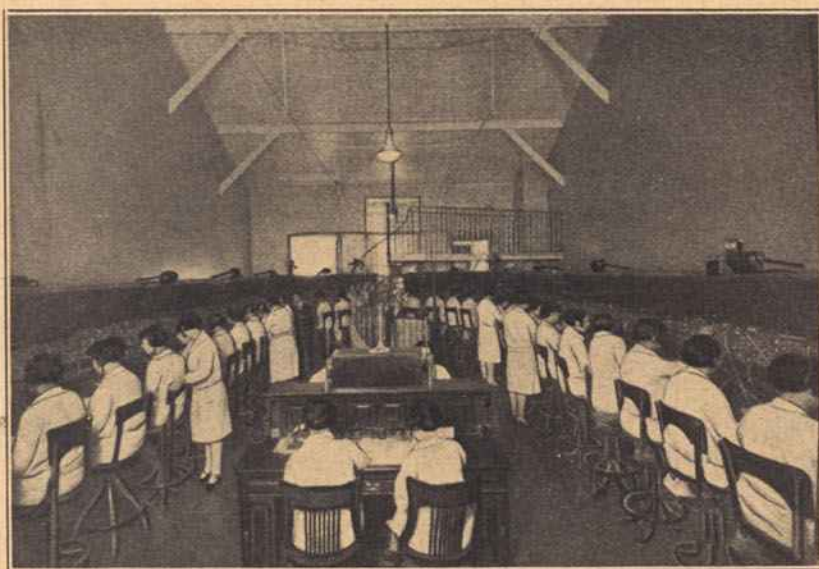
Em todos os estabelecimentos que possuirem esta insignia encontrareis um vasto sortido de aparelhos «Kodaks», para todos os preços, que podereis adquirir facilmente em dez pequenos pagamentos mensais.



Para que as vossas fotografias apresentem todo o encanto do original, deveis usar sempre Pelicula «Kodak» — em embalagem amarela — a pelicula usada em todo o mundo pelos bons amadores fotograficos.

Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa

O progresso... a civilização... não param, não estacionam... O que hoje é uma realidade perfeita, logo se torna numa velharia digna de figurar em museus...



ERA ASSIM

a estação telefónica Central de Lisboa... a estação telefónica Trindade de Lisboa... providas de equipamento moderno, instalações também muito modernas, material moderníssimo... Mas...

Brevemente sairá o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente..... **18\$00**

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

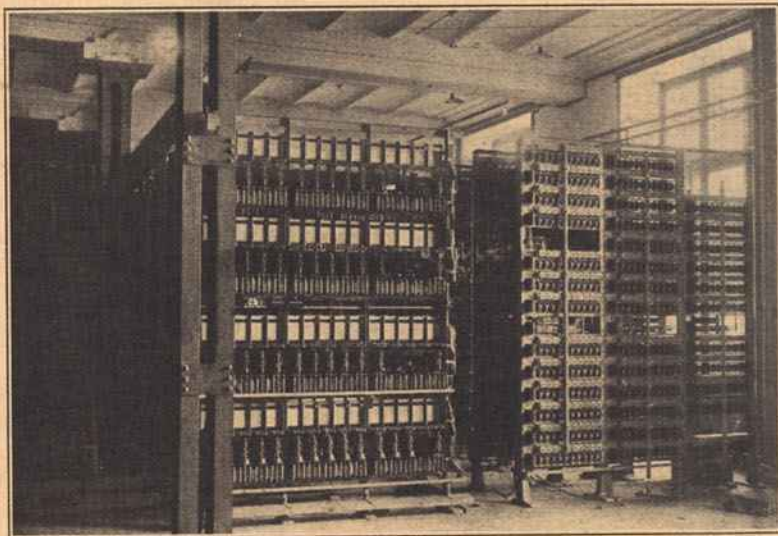
32.º — ANO — 1931

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O progresso... a civilização... não param, não estacionam... O que ontem era uma qualidade perfeita, teve de ser substituído pela invenção ultra-moderna.



VAE SER ASSIM

a nova estação automática de Lisboa... Perfeitíssima aparelhagem, funcionamento ideal... os mesmos preços do sistema manual... Quem não está ligado à rêde geral, escreva a pedir preços à **ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE CO. LTD.** - R. Nova da Trindade, 43 - LISBOA

Muito melhor do que
eu e muito mais facilmente

**LE VÉRASCOPE
RICHARD**

dá a ilusão da realidade
e do relevo.

É um aparelho
extraordinário



FORMATS
65 407 6-13 7 13

**L'HOMÈOS
LE GLYPHOSCOPE
LE TAXIPHOTE**

CATALOGO GRATIS A QUEM O SOLICITA



5¹⁴ A¹⁴ des Etabliss¹⁴ **JULES RICHARD**, 25 Rue Melingue Paris
Magasin de Vente : 7 Rue La Fayette Paris



Para evitar as doenças de rins, cal-
culos, reumatismo, doenças de fígado
e da bexiga é necessário usar os

LITHINÉS du **D^r GUSTIN**

À venda nas Farmacias



*Admirando os magníficos
produtos Nally, que são
gentilmente me foram offeridos,
gostava de pensar que estão nas
mãos de todas as Senhoras
Portuguezas.*

D. Amélia Dranha

Capodimonte Napoli 12-II-30.

**Nobilissimas palavras da mesma
Augusta Senhora:**

*«Se em Portugal se fabricam
artigos de perfumaria como os de
«Nally», mister se torna que to-
das as Senhoras portuguezas os usem.
Eu dei esse exemplo, pelo que res-
peita à indústria nacional portu-
guesa, pois quando vivi em Portugal,
usei sempre e estabeleci como regra, na
Côrte, a preferênciã de tudo quanto
ali era fabricado».*

Os PRODUTOS NALLY, de perfumaria e beleza obtiveram de Rainhas, Princezas e Aristocratas referencias unicas até hoje, EM TODO O MUNDO!

Jámais outros quaisquer produtos conseguiram a pública apreciação de Senhoras de tão elevada estirpe e requintada elegancia, e isso, só por si, coloca a marca NALLY acima de qualquer outra, por maior e mais justificada que seja a sua fama.

...**Jmediatamente**



me decidi pela **CAFIASPIRINA** mandando comprar um tubo original. Grato e surpreendente foi o seu efeito, não só para mim, mas também para toda a família, que pouco ou nada esperava da eficacia da **CAFIASPIRINA**. Minha familia e eu, somos agora grandes propagandistas e consumidores. Todos temos fé absoluta e somos devotos da **CAFIASPIRINA**.

Assim pensa um como tantos outros. Va. Exa. mesmo se convencerá.

CAFIASPIRINA

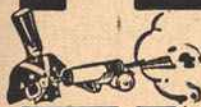
nos traz o bem estar, alivia o cerebro e não ataca o coração nem os rins.

FLIT



Mata todos os insectos mais depressa.

FLIT



Defendei-vos das imitações.

FLIT



OLHAR QUE FASCINA

com o ondulador **KURLASH** das pestanas



Que é um enchecho aparelho que permite com o **Fard Rodal Cosmético**, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em fartas e longas com os produtos **VILDIZIENNE** e ondule-as com **KURLASH**.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —
Directora: **M.^{me} CAMPOS**



Peça catálogo gratis e 3 amostras grátis e transforme em 3 dias a sua pele numa **Beleza** incomparável!

AVENIDA DA LIBERDADE, 35

Magazine Bertrand

Saiu o número
de **AGOSTO**

salva!



Sofre de perturbações no aparelho digestivo e de incomodos provocados pela prisão de ventre? A sua tez é amarelada e tem, ao despertar, a lingua pastosa e mau halito? Tome de manhã e á noite, num copo d'agua, uma colher das de café de "Sal de Fructa" **ENO**, -preparado salino efervescente, levemente laxativo, exempto de assucar e sal mineral purgativo.

ENO ajuda a digestão e regularisa o intestino, naturalmente, como o faria a acção benéfica dos fructos bem maduros.

Exigi sempre a marca **Eno's** "Fruit Salt".

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"
Depositarios em Portugal: **ROBINSON, BARDSELY, & C. LTD.**
8, Caes do Sodré, LISBOA

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento **HIDRO-MINERAL**
e **FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

Banhos de Agua Termal — Banhos
de Agua do Mar, quentes — *Banhos*
Carbo-Gasosos. — Duches — Irrigações
— Pulverisações — Etc.

Fisioterapia: Luz — Calor — Electrici-
dade Medica — Raios Ultra-Violetas
— *Diatermia* — Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS
CONSULTA MÉDICA: 9 ás 12

Telefone: E. 72

Guerra Junqueiro e a Mulher

Nesta conferência, pronunciada
no Ateneu Comercial do Porto
e na Sociedade Nacional de
Belas Artes de Lisboa, pela
distinta e conhecida escritora
D. Emilia de Sousa Costa
surge em toda a sua grandeza
a personalidade literaria do
assombroso poeta português já
fallecido.

Preço 2\$50

A venda na Filial do «Diario de Noticias».
Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11

Todos devem ler

“A CARTILHA COLONIAL”

de Pedro Muralha

Cujos capítulos são os seguintes :

- I — As nossas descobertas marítimas.
- II — As nossas conquistas.
- III — A nossa extensão territorial, população e divisão por zonas.
- IV — Cidades, rios navegáveis, portos, caminhos de ferro e climas.
- V — As possibilidades económicas das Colónias Ultramarinas.
- VI — As missões religiosas.
- VII — As correntes emigratórias.
- VIII — A colonização portuguesa em países estrangeiros.

Elegante cartanagem com mapas das nossas colónias e profusamente ilustrada.

PREÇO 5\$00

Pedidos à sucursal do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho.

Grande Novidade Literária

FUMO DOS CASAIS

DE

MARIA DA NOBREGA

Livro em que perpassam por nós,
num delicioso encantamento, catorze
magníficos contos

Flores de Pascoa — Tristezas do
mar — Uma noite de insônia — Os
tamanquinhos novos — Andorinhas
— Uma noite de Natal — «Males de
amor com amor se curam» — Clarão
bendito — Ressurreição — A caçada
do tio Louzado — Ansiedade — Sur-
presa tragica — Malfadada — O final
da historia

PREÇO: 10\$00

*A' venda na livraria do «DIARIO DE NOTI-
CIAS», Largo de Trindade Coelho, 10 e 11, e em
todas as livrarias*

A ultima novidade literaria do nosso meio é:



A obra que tem alcançado maiores tiragens
em todas as linguas do Universo

Um volume brochado, 10\$00

Pedidos ás livrarias AILLAUD E BERTRAND

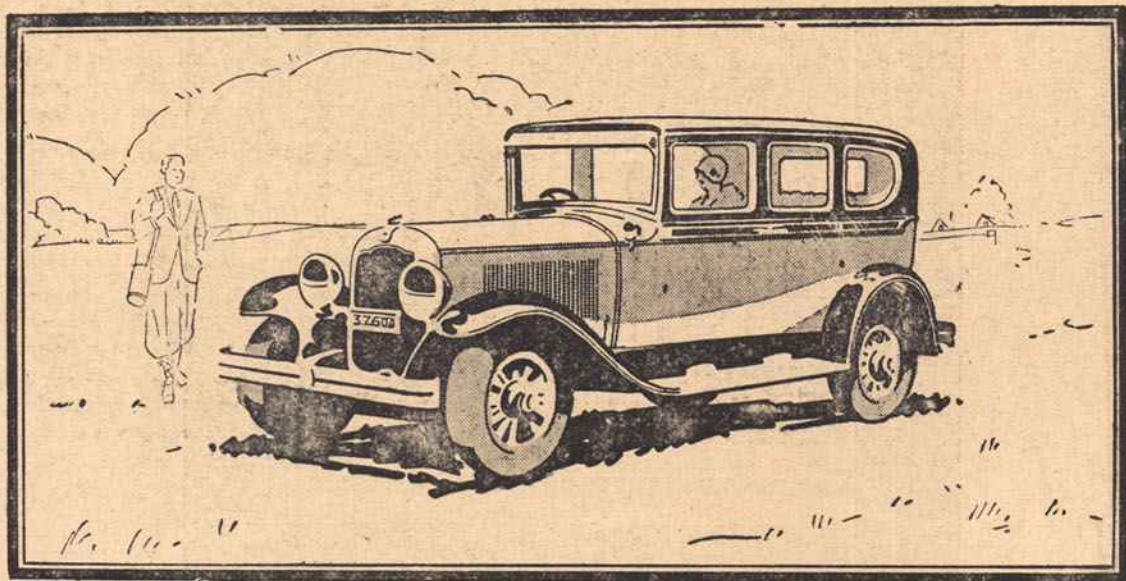
REO^{*}

POTENCIA SUAVE

V. Exa. ficará gratamente impressionado com a potencia suave e silenciosa do automovel REO "Flying Cloud"

Esta potencia permitir-lhe-ha subir as peores rampas a grande velocidade e passar facilmente por caminhos com ou areia ou lama, aumentando assim o prazer de conduzir um carro.

Qualquer que seja o caminho, e mesmo onde não haja caminhos, a potencia do "Flying Cloud" satisfaz de sobra as necessidades da marcha.



**REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direcção da dita firma.*

AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

Avenida da Liberdade, 165-171
LISBOA : - : Telef. N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA
194, Rua Augusto Rosa -- PORTO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procissão)

Telef. T. 571

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 112

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:

JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:

EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE

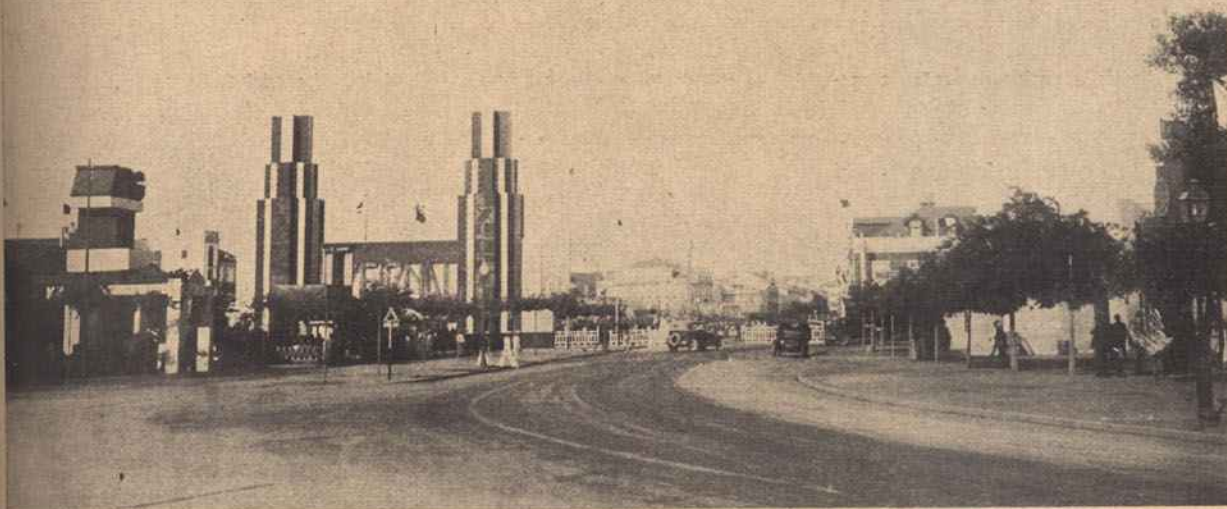
E
AILLAUD LTD.*

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef.: T. 821 a 824

16 DE AGOSTO DE 1930



A GRANDE EXPOSIÇÃO E FESTAS REGIONAIS DE SETÚBAL. — NÃO QUERENDO DEIXAR DE ARQUIVAR NESTAS PÁGINAS, COMO MERECE, O GIGANTESCO ESPÓRÇO DA BELA CIDADE SADIÇA, REALIZANDO A SUA GRANDE EXPOSIÇÃO, REPRODUZIMOS ALGUNS MOMENTOS INTERESSANTES. Em cima — Os VELHOS OPERÁRIOS E MARÍTIMOS CONDECORADOS PELO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA COMO GALARDÃO DO SEU HONRADO ESPÓRÇO. No medalhão da esquerda — O SR. GENERAL CARMONA CONDECORANDO UM DOS VELHINHOS. No medalhão da direita — A BENÇÃO SOLENE DA PRIMEIRA PEDRA DAS OBRAS DO PORTO DE SETÚBAL. Em baixo — VISTA GERAL DA ENTRADA MONUMENTAL DA EXPOSIÇÃO (ARQUITECTO ABLE PASCOAL). — (Fotos «Ilustrações».)

CRÓNICA DA QUINZENA

O ano escolar que findou, segundo relataram os jornais, foi excepcionalmente abundante em reprovações nos vários estabelecimentos de ensino, mórmente nos liceus e faculdades de Lisboa. O facto merece registo, e valia bem a pena inquirir das suas causas, para adoptar as providências atinentes a evitar-se a sua repetição.

Seria por os rapazes estudarem pouco?

Seria por os Mestres ensinarem mal?

Os exames, como geralmente se fazem, são uma espécie de loteria, um verdadeiro jôgo de azar, em que perdem sempre os que não têm sorte. A nossa civilização é do tipo burocrático, cabendo às Escolas a tarefa de prepararem os funcionários de vária espécie e grau para o exercício das funções que constituem o serviço público, nos diferentes ramos por que se reparte.

Os exames servem para se alcançar um atestado de competência ou habilitação, e munido dêsse atestado qualquer entra na carreira burocrática, senta-se à mesa do Estado, assegurado o presente e garantido o futuro.

A instrução, nos seus diferentes graus, deve ser acessível a todos, não tendo, em relação a cada um, outra limitação que não seja a imposta pela sua vontade e aptidões. Por motivos de ordem económica, já hoje não deviam estar fechadas as portas dos estabelecimentos de ensino a quem desejasse instruir-se, tendo a capacidade necessária para fazer, com proveito, um carreira literária ou científica, para enriquecer o seu espírito com os mais altos e variados conhecimentos.

Infelizmente nem sequer, entre nós, a instrução primária, o ensino elementar, é gratuito, e isso faz com que não possa ser obrigatório, como se consigna na lei. Assim temos uma vergonhosa mancha de analfabetismo, uma percentagem de iletrados que varia entre cinqüenta e sessenta, segundo os números oficiais. Este número, bem apuradas as coisas, deve ser maior, porque na Estatística não figuram como analfabetos os indivíduos que conhecem as letras e pintam o nome, incapazes duma pequena leitura e duma pequena escrita, cegos que mal se aperebem dos vultos, não distinguindo as formas.

Uma carta de curso é apenas a presumpção de que o seu titular possui habilitações de certa natureza e em determinado grau, mas apenas a presumpção e não a certeza de que

assim seja. O Estado, por ser êle que confere cartas e diplomas, dá a essa presumpção o valor duma prova, sendo ela a chave que abre a porta da quasi totalidade dos serviços públicos. E porque assim é, compreende-se o escrúpulo com que os vários estabelecimentos públicos de ensino deveriam atestar o mérito dos seus alunos, não lhes conferindo títulos que não correspondam aos seis reais merecimentos.

Enquanto as Escolas tiverem como principal objectivo preparar agentes burocratas, funcionários para as diferentes carreiras, empregados para os múltiplos serviços públicos, o ensino consistirá principalmente em habilitar para os exames e a preocupação máxima dos estudantes, em generalidade dos casos, será a de alcançarem o diploma ou carta de curso, que mais não seja à força de empenhos.

Faz-se todos os anos dums Liceus para outros, dumas Escolas para outras, um movimento migratório, que é determinado pelo desigual rigor com que nesses estabelecimentos de ensino se aquilata, nos exames, do saber dos alunos. Há liceus designados, em gíria académica, por Sanatórios, liceus em que os examinadores são pouco exigentes, talvez porque à sua índole é mais agradável ser bom que ser justo.

Há um mínimo de saber que todos devem possuir, e esse, calculado por maneira que não exceda a capacidade de qualquer indivíduo normal, não pode deixar de ser obrigatório, derivando do facto de ser obrigatório a necessidade de ser gratuito. Assim o exige o interesse da colectividade, o bem comum, ao qual tem de subordinar-se o bem individual, o interesse dos indivíduos, considerados em si, à parte uns dos outros.

Convém tornar acessíveis ao maior número os estudos secundários, ponto de partida para o que se chama, à maneira alemã, a cultura. Para saber é necessário estudar, e para estudar é necessário uma preparação suficiente, variável conforme o ramo dos conhecimentos humanos a que cada qual se dedica. Esta preparação, como serviço do Estado, já deve permitir uma selecção, um apu-

ramento de valores, que permita canalizar as actividades intellectuais na direcção em que ellas possam ser mais úteis.

Enquanto se mantiver a prática dos exames, achamos bem que elles se façam com rigor, imposta a condição dos mestres, durante o ano, se não limitarem a passar lições, ensinando os seus alunos por maneira a que elles desenvolvam a intelligência, se forme nelles o senso crítico, tenham a curiosidade de saber e sejam capazes de iniciativa intellectual. Não reclamamos a abolição dos exames; mas queremos que elles não sejam uma loteria, um jôgo em que se perde ou ganha, consoante a sorte do jogador.

Os pais e encarregados da educação dos estudantes, com as excepções confirmativas da regra, não inquirim, durante o ano escolar, do modo como ensinam os seus filhos ou pupilos importando-se pouco que os Mestres ensinem ou não ensinem, que os rapazes aprendam ou não aprendam, sendo raro o que procura informar-se da capacidade ou incapacidade do seu menino ou dos seus meninos para o cultivo das letras ou das sciencias. No fim do ano, aberta a época dos exames, é que elles desenvolvem uma actividade rara, indo até devassarem quasi a vida dos professores, para saberem quais serão os melhores empenhos, as cunhas mais fortes, para lhes arrancar uma aprovação muito problemática, não raro uma alta classificação por nenhum título merecida.

A enorme percentagem de analfabetos é uma coisa que nos envergonha, mas com êste peso morto poderia a sociedade marchar, se tivesse a dirigi-la uma verdadeira elite. A Rússia imperial tinha uma percentagem de analfabetos superior à que nós temos, e nem por isso deixou de fazer a sua revolução de 1917, encontrando-se hoje em attitude de desafio perante o mundo inteiro, quasi tomado das ambições desmedidas que levaram a Alemanha a desencadear o tufão de 1914. É que na Rússia havia uma classe dirigente, que imprimia à grande massa nacional uma direcção consciente, no sentido dum progresso social, visando o engrandecimento da Pátria e a felicidade do maior número.

O problema português, na hora que passa, como da Espanha disse Joaquim Costa, é de Escola e Cozinha. Mais luz nas Escolas, e mais alimentos nas Cozinhas, e o nosso problema nacional estará resolvido.

BRITO CAMACHO.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES DA QUINZENA

A DIREITA — Em Tazna do Castelo — os comissários sul-americanos na Exposição de Sévilha, acompanhados pelo governador civil e capitão Preza, da Sociedade de Turismo e Roteiros de lindas ruínas, vestidas com seus trajes regionais, que tomaram parte no festival minhoto realizado em Santa Luzia

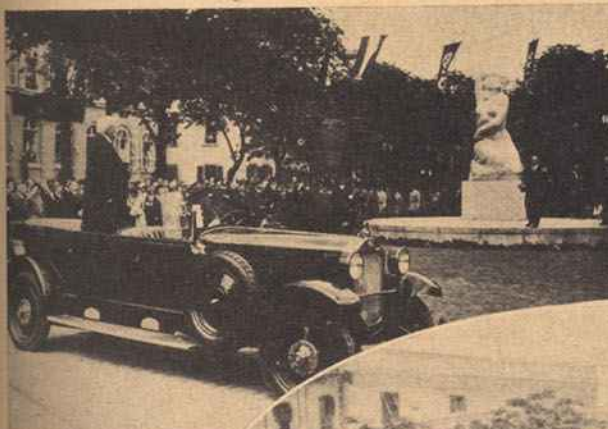


(Foto Aureliano Carneiro.)



NO OVAL DA ESQUERDA — O presidente eleito do Brasil, dr. Júlio Prestes, à sua chegada ao porto do Rio de Janeiro, vindo da sua viagem à América do Norte e Europa, rodeado dos dirigentes operários que o cumprimentaram, NO OVAL DA DIREITA — A comemoração da revolução de Julho de 1910, em Paris. Mr. André Tardieu pronunciando o seu notabilíssimo discurso na Praça do Município

(Foto Orriox.)



O presidente Hindenburg na Renânia liberta, saudando o monumento comemorativo de Mogúncia



NO OVAL — A agitação no Egípto. Aspecto das manifestações turbulentas levadas a efeito pelo partido Wafdista, no Cairo. A cruz assinala o já célebre Nubas Pachá que parece ser o Ghandi do Egípto contra a Inglaterra

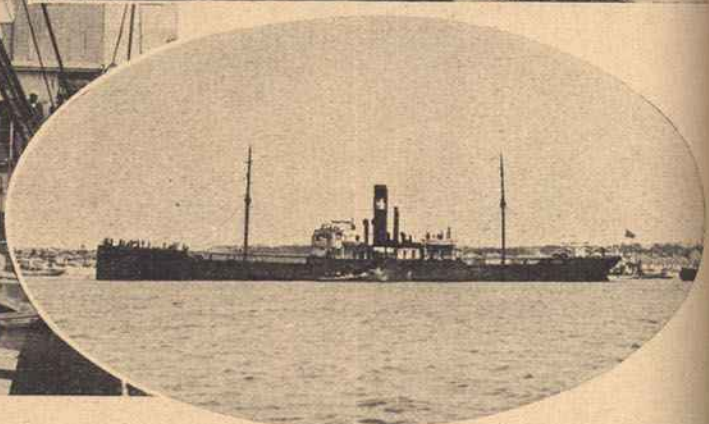
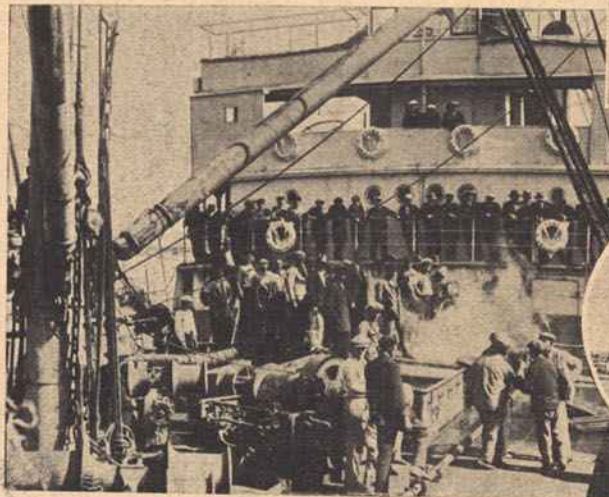
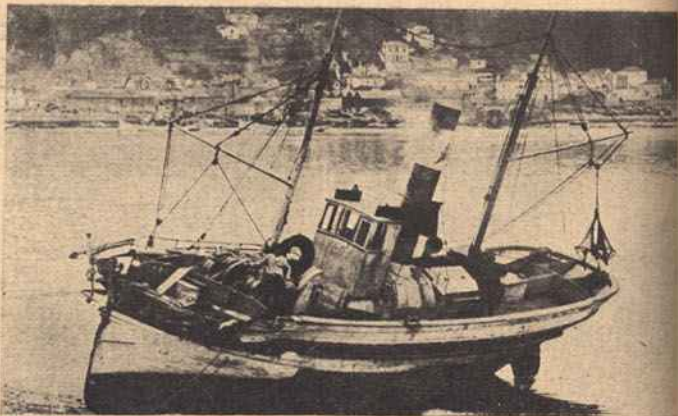
Em toda a Renânia se festejou barulhentosamente, mas com um justificado entusiasmo, a libertação da Renânia pela evacuação das tropas francesas que ali exerciam uma vigilância imposta pelo tratado de Versaíles. O presidente Hindenburg percorreu a região e a nossa foto mostra-o nas janelas da Câmara de Sepeyer, a capital do departamento de Pflalz, recebendo as aclamações dos habitantes em delírio

PELO PAIZ FÓRA

A DIREITA — Estado em que ficou a prôa da traineira *Santa Clarinha*, do Porto, após um abaloamento que teve, próximo de Espinho, com a traineira de Matosinhos *Nossa Senhora de Fátima*, que pouco sofreu com o embate

NO OVAL DA DIREITA — O vapor carvoeiro grêgo *Aegy*, matriculado no porto de Argostoli, que há dias entrou em Leixões com fogo a bordo, de 4 dias, procedente de Dantzig e com destino ao Norte de Africa

EM BAIXO — Um aspecto do ataque ao incêndio manifestado nos porões do vapor carvoeiro grêgo *Aegy*. (Foto Alvaro Martins)



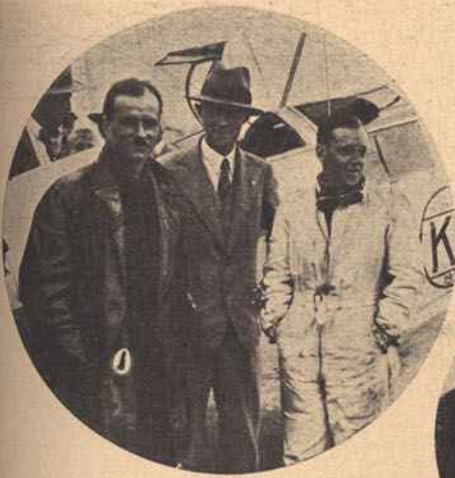
NO OVAL, à esquerda — Aspecto da assistência à reunião de artistas, literatos e jornalistas, convocada pela Sociedade Universal de Super-Filmes, Lda (S. U. S.), de Lisboa, para que o seu director de produção, o nosso camarada Leitão de Barros, expusesse o seu magnífico e brilhante projecto de filmagem sonora em língua portuguesa, com artistas portugueses e capitais portugueses, que, dentro em breve, será realizado, começando pela transposição fonofilmeica de *A Severa*, do dr. Júlio Dantas



A ESQUERDA — As misses da Europa e próximo Oriente a caminho do Brasil. Da esquerda para a direita, as representantes da Inglaterra, Hungria, Itália, Alemanha, Áustria, Síria, Espanha, Holanda, Roménia, Turquia, França e Bélgica

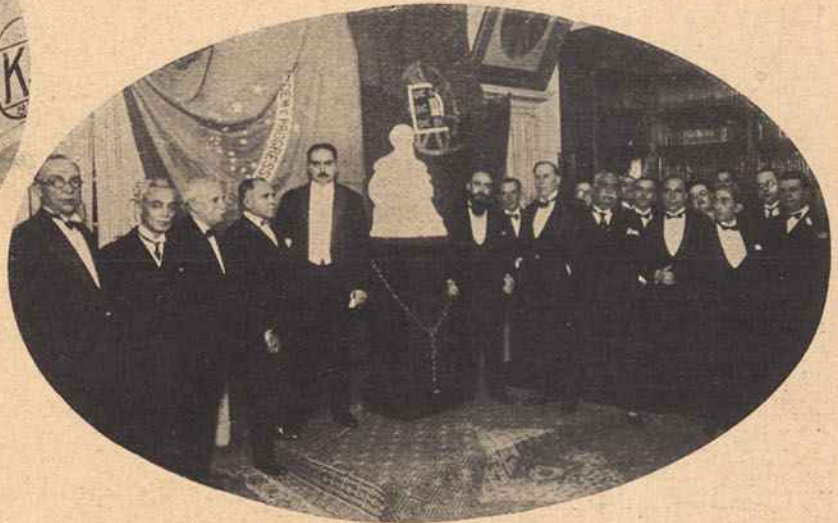
EM CIMA — Miss Tchecoslováquia, uma das mais lindas concorrentes, que se recusou a participar do grupo de misses

FIGURAS E FACTOS DA QUINZENA



O PRIMEIRO CIRCUITO EUROPEU DE AVIAÇÃO EM APARELHOS LIGEIROS — No passado dia 27 de Julho terminou, em Berlim, no aeródromo de Tempelhof, o circuito europeu em avião ligeiro, rijamente disputado, no total de 7.500 quilómetros, tendo chegado à meta quatro ingleses, três alemães, um francês e um espanhol. A nossa foto representa o presidente do Aero-Club Alemão, Von Hüniger, tendo à esquerda Butler e à direita Broad, os dois ingleses que chegaram em primeiro lugar

(Foto Orrios)



NO OVAL DE CIMA — As homenagens ao dr. Nuno Simões, escritor, jornalista e político português, durante a sua viagem ao Brasil. Recepção no Club Português de S. Paulo e inauguração do busto de Camões na Biblioteca Portuguesa da mesma cidade. Entre outras pessoas vêem-se na foto o dr. Nuno Simões e os srs. cônsul de Portugal, escultor Pinto do Couto, Presidente da Câmara Portuguesa de Comércio, Director da Beneficência Portuguesa, Director do Club Português, Director da Biblioteca, Director do Club Vasco da Gama, comendador Alberto da Silva e Sousa, etc.

A ESQUERDA — Aspecto da assistência no salão nobre do Club Português de S. Paulo, quando o dr. Nuno Simões fez a sua conferência



O conhecido político alemão dr. Koeh, que, para disputar as eleições, formou um novo partido, o «Partido Alemão de Estado»

(Foto Orrios)

A DIREITA — Na estação do Norte, em S. Paulo. Despedida do ilustre português dr. Nuno Simões, que tem, à sua direita, o sr. António Sampaio, Presidente do Club Português, e à sua esquerda os srs. dr. José Augusto Magalhães, cônsul de Portugal em S. Paulo, e o escultor Pinto do Couto

(Foto Ilustrações)





Casamento da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Luísa Cabral Moncada de Carvalho, filha da sr.^a D. Maria Inácia Cabral Moncada de Carvalho e do sr. dr. José Maria do Casal Ribeiro de Carvalho, com o sr. Fernando Barreto Cortês, filho da ex.^{ma} sr.^a D. Laura Cortês e da sr. dr. Diogo Cortês. Os noivos e convidados, depois da cerimónia

NO OVAL DE BAIXO:—Aspecto do lanche, no Hotel Francfort, comemorativo do casamento da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Albertina Bustos Coelho, gentil filha do sr. Raúl de Moraes Coelho, funcionário da Empresa Nacional de Publicidade, com o sr. José Gonçalves Sobrinho e de que foi padrinho o nosso querido director-delegado sr. José Carlos da Silva

NO OVAL DA DIREITA:—Casamento da sr.^a D. Maria das Mercês Loureiro Simões, filha da sr.^a D. Virgínia Loureiro Simões e do capitão de infantaria e professor da Casa Pia de Lisboa, sr. Virgílio Damasceno Simões, com o sr. Jaime Amador e Pinho, fi-



lho da sr.^a D. Maria Adelzinda Amador e Pinho e do sr. David José de Pinho. Os noivos, padrinhos e convidados após a cerimónia



A ex.^{ma} sr.^a D. Maria del Pilar Bustos Santos e o sr. Alvaro Domingues Vieira, que em 28 de Julho último se consagraram na igreja da Sé (Santa Maria Maior)



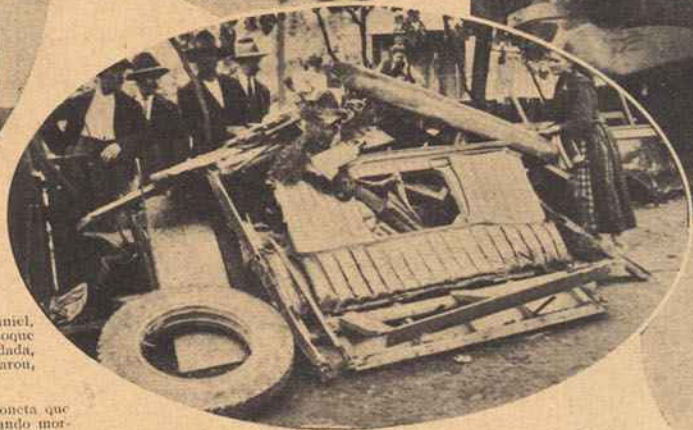
À ESQUERDA:—Em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Maria Vidal de Negreiros Vinagre, realizou-se no dia 31 do corrente e o auspicioso enlace da sr.^a D. Adá Pereira Brelia, interessante filha do sr. Antbal Ferreira Brelia e da sr.^a D. Elisa da Conceição Pereira, com o sr. José Carlos da Gama Lobo de Sousa, filho da sr.^a D. Emília Heitor da Gama Lobo de Sousa e do sr. Alfredo João de Sousa, conceituado comerciante. Da noiva foram padrinhos a sr.^a D. Maria Vidal de Negreiros Vinagre e o sr. Jaime Guerra da Veiga Pinto, e do noivo seus pais



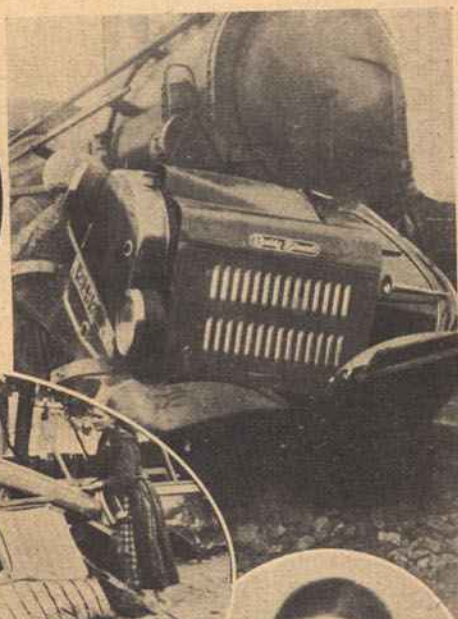
O DESASTRE DE BRAGA — No oval de cima — O *chauffeur* da camioneta que foi destruída pelo comboio em Ferreiros, saindo do Hospital de Braga depois de tratado



NO MEDALHÃO DE CIMA — O pequenito Daniel, passageiro da trágica camioneta, a quem o choque projectou, dos braços da mãe que ficou trucidada, para sobre o volante onde o *chauffeur* o amparou, salvando-o.



NO OVAL DA DIREITA — Destroços da camioneta que foi alcançada pelo comboio, em Ferreiros, ficando mortos oito passageiros. (Fotos Alvaro Martins)



EM CIMA, à direita — Após o desastre, a camioneta sob a frente da locomotiva que a alcançou na passagem do nível, esmagalhando-a

NO MEDALHÃO — A guarda da passagem de nível de Ferreiros, causadora do desastre e a primeira vítima da sua imprevidência, pois ficou esmagada entre os dois veículos ao tentar deter a locomotiva

(Fotos Alvaro Martins)



A ESQUERDA — Os grandes terremotos da Itália — A espantosa catástrofe que enlutou a Itália alastrou por uma região imensa, deixando tudo em ruínas. Uma rua da cidade de Melfi, na Irpínia, que ficou quase destruída por completo

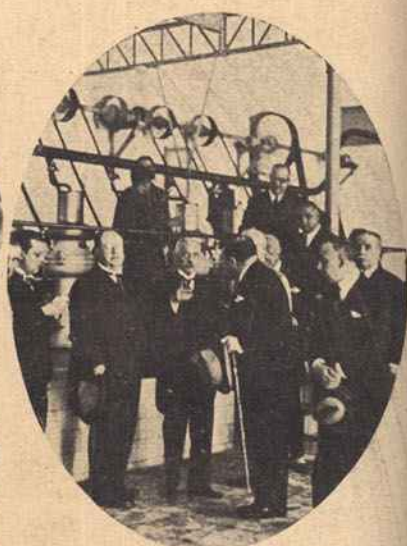
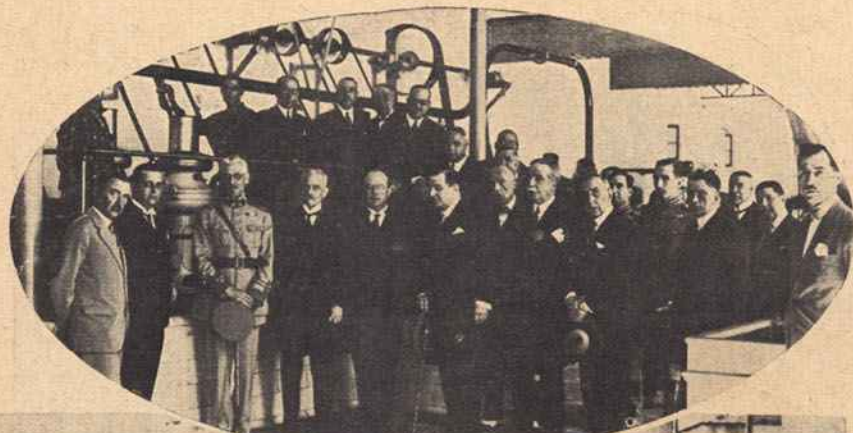


NO OVAL — Um quadro trágico — Em Villanova, centro da zona sísmica e onde houve maior número de vítimas, os soldados e os populares buscam, entre os escombros famélgicos, as vítimas do horrível desastre

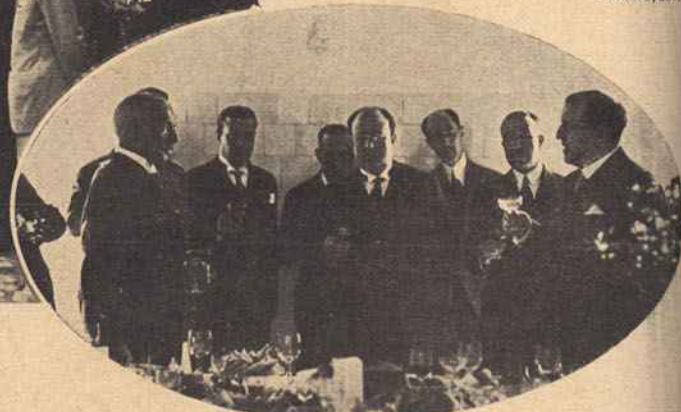


A ESQUERDA — Uma eloquente vista de Grofaminarda, na zona flagelada, com as suas casas desmoronadas, onde houve centenas de vítimas.

(Fotos Orris)

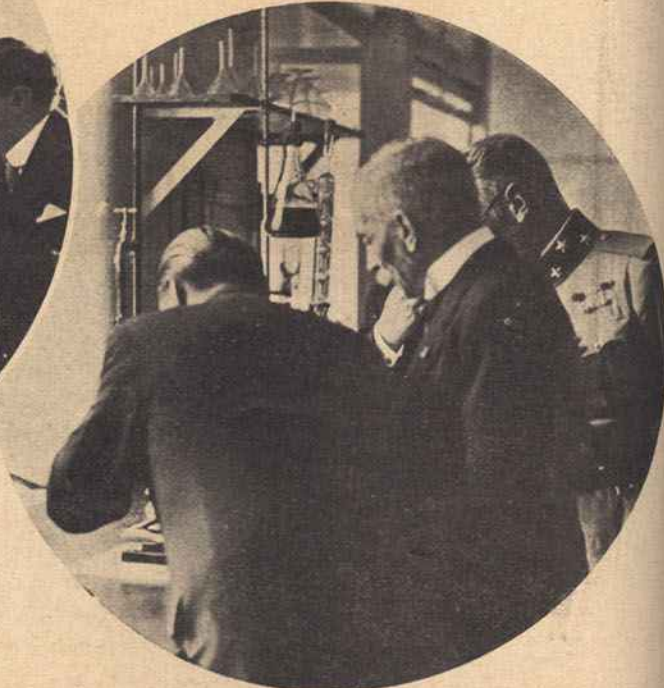


(Fotos
«Ilustração».)



UMA NOTAVEL OBRA INDUSTRIAL

durante o copo de Água. Vêem-se na foto os srs. Ministro do Comércio, dr. Antunes Guimarães, José Casimiro Denis, do Conselho de Administração, Machado Pinto, director geral da Assistência Pública, Alvaro Jacquet, do Conselho de Administração e Ermete Pires, do Conselho de Administração. — Um momento interessante; o sr. General Carmona brindando pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias — No laboratório — O sr. Ermete Pires explicando ao sr. General Carmona as fases porque passam as culturas empregadas nos fermentos



Com a assistência do sr. General Carmona e do sr. Presidente do Ministério, foi inaugurada uma fábrica de leveduras seleccionadas, novo triunfo industrial da Companhia Industrial de Portugal e Colónias. As nossas fotos mostram, da esquerda para a direita e de cima para baixo — O sr. Presidente da República, Presidente do Ministério e Ministro do Comércio entre o Conselho de Administração da Companhia Industrial de Portugal e Colónias e Conselho Fiscal da mesma companhia, vendo-se também o sr. José Maria Alvarez, presidente da Associação Industrial Portuguesa — O sr. General Carmona pede explicações ao sr. Carlos R. dos Reis, presidente do Conselho de Administração. — O sr. Presidente da República, à chegada à nova fábrica, com o sr. Carlos Ramires dos Reis, que o recebeu. — O sr. Carlos Ramires dos Reis, presidente do Conselho de Administração da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, discursando

MUSEU DO PRADO

MADRID



VICENTE JUAN

MASIP JOANES

(JUAN DE JOANES)

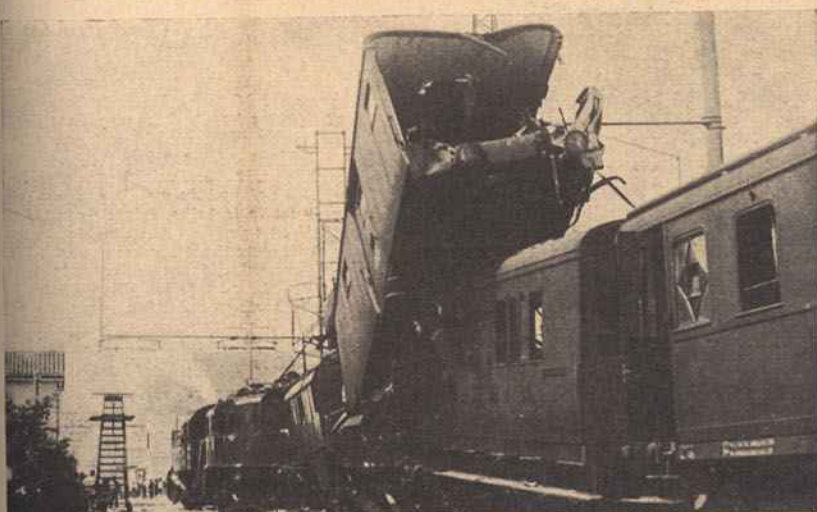
Santo Estevão

na Sinagoga

ECOS DA QUINZENA

EM MADRID. — Banquete de homenagem ao talentoso escultor chileno Lorenzo Domínguez. Os assistentes, vendo-se no primeiro plano, da esquerda para a direita, Víctor Domingo Silva, escritor e cónsul do Chile, Don Ramon de Valle Inclán, Teresa de Escoriaza, Lorenzo Dominguez, Júlia de Novais Teixeira e o glorioso crítico e poeta Díez Canejo, estando nas outras filas Guillermo Felipe, dr. Alberto Feliz de Carvalho, ilustre cónsul de Portugal, Almada Negreiros, Juan Cristóbal, Manuel Azafia, José Planes, Juan Adsuara, Martín Luiz Guzmán, Luiz G. Bilbao, Luiz de Itzcza, Juan Echevarria, drs. Meana e Perez de Diego, Ros, Sindulfo de la Fuente, Castro Cires e Joaquim Novais Teixeira.

(Foto Orrioz)



Estado em que ficou o expresso Bolonha-Florença quando, nas proximidades da estação de Sasso, abalrou com um comboio parado num desvio, causando quinze mortos e quarenta feridos graves. A locomotora eléctrica rebocava o expresso a mais de 65 quilómetros à hora quando se deu o desastre.

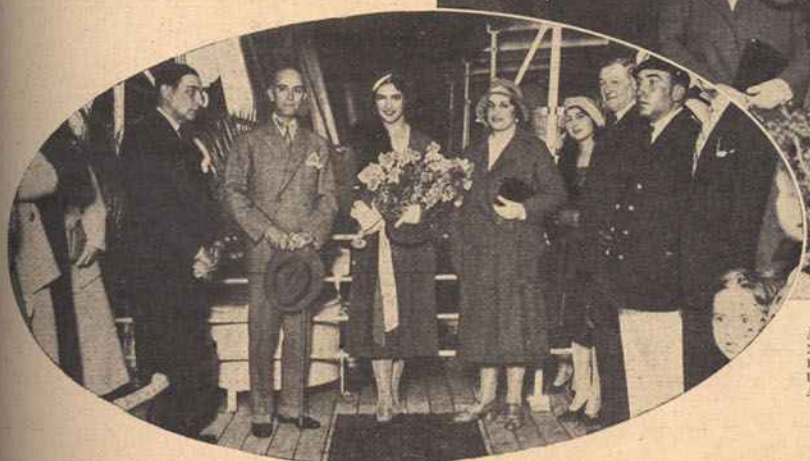
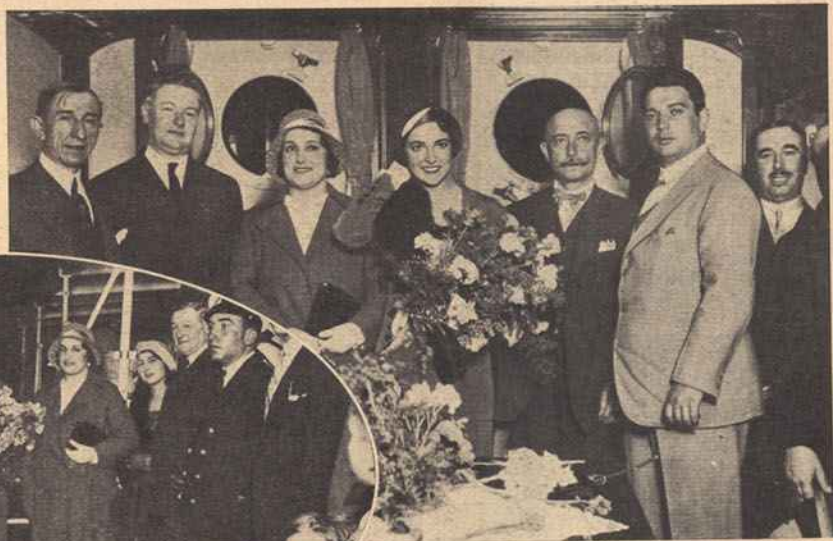
(Foto Orrioz)



Armando Carrera, notável compositor chileno que obteve uma medalha de ouro num difícil concurso realizado no Pavilhão do Chile, na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, autor de muitos dos maiores sucessos musicais do seu país.

(Foto Lagne)

NO OVAL DE BAIÑO — D. Fernanda Gonçalves, «Miss Portugal 1930», a bordo do Niassa, quando da sua partida para o Brasil, recebendo os cumprimentos do Encarregado de Negócios do Brasil, dr. Lafayette de Carvalho e Silva.



A partida para o Brasil, a bordo do Niassa, da Companhia Nacional de Navegação, da linda «Miss Portugal 1930», D. Fernanda Gonçalves, que vai disputar o título de «Miss Universo» no grande concurso mundial do Rio de Janeiro. A nossa gentil compatriota com sua irmã e outros companheiros de viagem.

A QUINZENA DESPORTIVA

O desporto ocupa, cada vez mais, na vida social um lugar de evidência; deve ser o nosso país o único no mundo onde os poderes públicos se desinteressam do problema, mas não pode, a-pesar disso, ignorá-lo uma revista que pretenda reflectir a vida e a actividade nacionais. Esta secção tinha, a meu ver, direito a figurar nas páginas da «Ilustração», orientada por forma a interessar todo o público, fugindo a pormenorizações técnicas, apreciando os factos em globo e colhendo d'elles ensinamentos.

A mocidade portuguesa prepara-se hoje para a luta da vida, vigorando-se nos jogos desportivos, cuja pratica nem sempre resulta da desejada efficacia pelo errado critério da orientação seguida. Esta faceta do problema bastaria para

que lhe dedicássemos a melhor atenção, nós e quantos se interessam pelo futuro de uma raça que a luta secular esgotou e necessita afirmar sua vitalidade e seu vigor nas batalhas pacificas do desporto que é hoje o padrão dos grandes triunfos dos povos.

O momento dá-nos exemplos frisantes desta afirmativa: no Uruguay, cujos foot-ballistas conquistaram para o seu país o título de campeão mundial, o parlamento reúne em sessão especial, vota créditos para que aos jogadores sejam oferecidas vivendas e subvenções, suspendendo de seguida os trabalhos para que os deputados podessem assistir a uma festa de homenagem no próprio estádio, cenário do triunfo.



Um magnifico instantâneo da chegada dos 100 metros, a prova mais discutida dos Nacionais. No primeiro plano Fernando Prata, classificado primeiro e que a nossa gravura mostra terceiro; depois Pôrto, primeiro classificado «ex-aequo» e primeiro chegado em verdade; atrás d'ele Sarsfield, que foi marcado terceiro mas é sem dúvida segundo. A notar que o fio de chegada foi quebrado pela mão direita de Sarsfield

(Foto Nunes de Almeida)



O magnifico esforço de José Garnel, novo recordman nacional do lançamento do pêso

Em França, o presidente da República assiste aos encontros finais da Taça Davis e, findos elles, desce à arena para apertar a mão aos defensores do prestígio nacional; e no dia seguinte à vitória, o ministro dos Negócios Estrangeiros propunha para a Legião de Honra, Jean Borotra embaixador do desporto francês através os «courts» de todo o Mundo.

E em Portugal? Em Portugal amesquinha-se, pelo espirito nacional de maldizer, o que se faz à custa de muito trabalho, lutando contra todas as insuficiências do meio e as dificuldades constantes; surja uma derrota e somem-se todos os encômios de anteriores vitórias para apenas apregoar o desaire como um dilema inevitável. O desporto português é mais apreciado pelos estrangeiros do que pelos nossos criticos. Nestas páginas procurarei ser mais justo, e regular as minhas opiniões pela verdade das circunstâncias.

CAMPEONATOS NACIONAIS DE ATLETISMO

Disputados no Pôrto, em 26 e 27 de Julho, os campeonatos nacionais de atletismo podem ser considerados como a síntese do nosso valor na especialidade, de que constituem o acontecimento máximo.

As provas de este ano foram animadoras e provam que se tem trabalhado com acerto e proveito; comparando os resultados com os de 1929, encontramos melhoria em 15, igualdade em dois e baixa noutros dois, por coincidência os saltos em extensão.

Os progressos do atletismo português são difficeis, sobretudo em Lisboa, onde falta recinto apropriado para sua pratica; a penúria dos organismos desportivos, impedindo a construção de uma pista, é um obstáculo severo que torna particularmente louvável todo o esforço no sentido do aperfeiçoamento. Ora foram justamente os atletas de Lisboa que maior quinhão de louros conquistaram, regressando à capital com doze campeonatos e seis novos records nacionais. Sem comentários nem apreciações pessoais, fazendo apenas falar os números, reconhecemos o Sporting Club de Portugal como o grande triunfador do torneio, vencendo onze provas com um núcleo de catorze atletas. O melhor representante do norte foi o Sport Club do Pôrto, cinco vezes campeão. Assim, como em 1929, os dois S. C. P. dividiram entre si a parte do leão.

Se quisermos encarar os resultados sob o



A vantagem de Palhares Costa é já sensível à segunda barreira dos 110 metros. A notar a diferença de estilo entre o vencedor e os restantes competidores (Foto Nunes de Almeida)

ponto de vista internacional não temos também motivo para grandes desânimos. Três homens fizeram 11" nos 100 metros, o que é agradável se ponderarmos que dos campeões nacionais europeus até agora apurados, apenas o francês Auvergne fez melhor; Áustria, Checoslováquia e Espanha ficaram em 11" 1/5.

O mesmo sucede com o tempo de Manuel Dias na légua, que bate os campeões destes mesmos três países e da Bélgica.

Palhares Costa, igualando o seu *record* dos 110 metros barreiras, também enfileira no

ascensional e cujas possibilidades lhe permitem maiores aspirações.

Parece-nos curioso estabelecer confronto entre os resultados dos nossos campeonatos e os espanhóis, visto ser esta nação a única com a qual nos medimos em atletismo, e que por duas vezes nos bateu.

Das 19 provas do programa, conseguimos melhores resultados em seis: 100 metros, 5.000 metros, estafeta 4 x 400 metros, salto em altura, lançamento do peso e disco, igualando o dos 110 metros barreiras.

A notar que a estafeta 4 x 400 metros é em Portugal disputada por equipas de Club e em Espanha por selecções regionais.

O PORTUGAL-ESPANHA EM «TENNIS»

Tempos houve em que a Espanha contava no mundo do *tennis* como um dos primeiros valores; hoje, desaparecidos os Alonsos, Gómar e Flaquer, o valor dos espanhóis baixou sensivelmente e há na Europa uma boa dezena de nações que se lhe antepõem.

No entanto, o resultado do encontro que os seus representantes nos disputaram, na Curia, foi para nós desastroso, não nos dando o consólo de uma única vitória.

Após este *match*, os espanhóis Maier e Tejada vieram a Lisboa participar de um torneio e destroçaram, com idêntica facilidade, tudo que se lhe pretendia opôr.

A conclusão destes desaires é das que não oferecem dúvidas: o nosso valor em *tennis* é nulo. Os jogadores que ainda hoje arcam com o peso da nossa representação passaram a idade da máxima forma desportiva, com o agravamento da sua deficiente, e sou generoso no epíteto, preparação atlética.

Comparemos os vigorosos dezoito anos de Maier aos trinta e alguns dos tenistas portugueses e compreender-se há de seguida a origem da nossa inferioridade.

O *tennis* tem evoluído nos últimos anos, transformando-se de um simples jogo de habilidade, numa verdadeira competição de força e agilidade.

Uma partida exige presentemente um esforço tão violento como o mais rigoroso jogo atlético; a preparação física dos grandes campeões é severíssima. Em Portugal não se segue idêntico sistema, nem poderá seguir-se enquanto não surjam novos valores. E não sei o que mais deva entristecer-nos: se a

verificação do que valem os nossos melhores de hoje, se a falta de outros mais jovens que nos assegurem o dia de amanhã.

A PISCINA DO «ALGÉS E DAFUNDO»

Lisboa era das poucas cidades civilizadas onde não existia uma única piscina. Podemos alhear-nos da situação deprimente, graças à louvável iniciativa do Sport Algés e Dafundo que, num esforço invulgar, conseguiu dotar-nos com a primeira piscina desportiva nacional. A série de provas que aí vêm sendo organizadas todos os domingos deve ter a mais decisiva e favorável influência sobre a natação portuguesa, ainda tão atrozada. Nós somos, por cúmulo de ironia, um povo de navegadores num país de beira-mar onde se nada pouquíssimo e se nada mal.

Surge-nos agora o primeiro factor para uma mudança de situação, que deve ser rematada pelo alvejado soluçionamento da velha dissidência que tanto tem prejudicado a natação portuguesa.

A força das circunstâncias impôs às colectividades interessadas uma mais exacta visão das coisas, mostrando-lhes a necessidade de um mútuo sacrifício que ponha termo a uma situação que prejudica todos e apenas agrada ao espírito vaidoso de certas criaturas que se guindaram a posições dirigentes mercê do conflito que por suas mãos fomentam.

Oxalá o caso se arrume desta vez, como parece provável, e possamos reunir numa mesma entidade todas as forças dispersas, dando novo alento ao utilíssimo e belo desporto que é a natação. SALAZAR CARREIRA.



O campeão nacional do lançamento do disco, José Garnel, no momento exacto em que o disco lhe sai da mão

mundo dos nossos valores internacionais, que poderemos encerrar com o portuense António Júlio Dias, em 400 metros.

A proeza de José Garnel, melhorando os dois *records* do lançamento do peso, afirma as qualidades de um atleta ainda no caminho



Manuel Dias, campeão nacional da légua e «recordman» dos dois aos cinco quilómetros

O TENOR JOSÉ ROSA

Nos meios musicais lisboetas começou a dizer-se, há uns quatro ou cinco anos, que o Rosa tinha uma boa voz de tenor e que tomava lições de canto com um professor muito competente, um dos raros que em Portugal podiam ensinar a arte de bem cantar, isto é, de cantar com uma voz «natural», bem colocada, sem esforço, sem afectação, arte de procurar o máximo rendimento musical da voz, mas apenas com a intenção de a tornar um meio de expressão, poderoso e fiel, da obra musical que o cantor interpreta. Estes boatos avolumaram depois: a voz de Rosa era dum belesão excepcional, a sua educação atingira já grande perfeição e o professor, antigo amador que estivera a ponto de se tornar cantor profissional, tendo feito na Itália aturados estudos, assegurava uma estreia de grande êxito, mas queria uma preparação sem pressas, uma preparação longa e metódica que pusesse o seu discípulo ao abrigo daquela decadência rápida a que os maus professores de hoje levam os jovens cantores, depois de lhes terem proporcionado um meio triunfo fácil. Tudo isto se espalhava de uma maneira mais ou menos misteriosa e era recebido com uma boa dose de incredulidade portuguesa. Interrogado o artista, respondia com modéstia, com evasivas, poucas expansões...

Entretanto, ainda tenor obscuro, nas mãos dum professor cheio de ciência e de bom gosto que estava fazendo d'ele um grande cantor, que lhe estava educando a voz num método largo e puro, não era José Rosa um desconhecido, mas uma figura de destaque na vida musical de Lisboa, porque era um dos melhores violinistas das nossas grandes orquestras, apreciado pela sua boa técnica, grande sensibilidade artística e admirável musicalidade. Nasceu numa província de Portugal em que o povo tem a instrução da arte e a exteriorisa em manifestações múltiplas, numa encantadora policromia decorativa que se acha hoje perfeitamente concordante com a arte moderna, vinda da Rússia e dos Balcãs mas depurada na culta Alemanha, e, sobretudo, nas suas canções, as mais belas de Portugal, corais, graves, polifónicos, trazindo uma poderosa subjectividade, e também «modinhas» graciosas de colorido encantador e dum linha melódica nunca banal, é José Rosa filho dum raça comprovadamente musical e tão musical, que em épocas passadas deu a Portugal o seu mais notável centro de irradiação musical, a escola dos polifonistas de Évora. Quasi todos os grandes músicos desta escola, Manuel Mendes, Fr. Manuel Cardoso, Filipe de Magalhães, Diogo Dias de Melgaz, e provavelmente o eminente Duarte Lobo, foram naturais da região em volta de Évora. Na própria terra natal de José Rosa, a illustre Vila Viçosa, floresceu outra escola musical célebre, a do colégio seminário dos duques de Bragança, ilustrada por D. João IV, grande vulto da música portuguesa. Tornados reis os duques, nem por isso esta escola desapareceu, continuando a formar músicos distintos, o último dos quais, Fr. José Marques de Santa Rita e Silva, nascido, como muitos outros, na própria Vila Viçosa, foi uma figura musical de destaque em Lisboa, na primeira metade do século XIX, pianista, organista,

compositor, e o primeiro professor de instrumentação nomeado para o Conservatório de Música, após a sua criação. E o Alentejo continua dando, como outrora, aos grandes organismos musicais portugueses, orquestras sinfónicas, Banda da Guarda Republicana e outros, uma boa parte dos seus melhores artistas, os seus dois mais distintos violinistas concertistas, Lufis Barbosa e Flaviano Rodrigues e os dois melhores cantores portugueses (porque Tomás Aleide nasceu em Extremôz, isto é, por assim dizer, a dois passos da terra natal de José Rosa).

Nesta província, tão bem dotada musicalmente, há, como por toda a parte, famílias em que o talento musical é mais pronunciado.

O avô paterno do cantor, também chamado José Maria Rosa, tinha sido em Souzel um



O tenor José Rosa

professor de música de grande reputação, pianista e organista. Mais conhecido ainda, em todo o Alentejo médio, como pianista, organista e compositor de música sacra de orquestras para festas religiosas, foi o tio do artista, Marianos José de Cesar Franck, educado na Casa Pia de Évora, onde recebeu uma instrução musical apreciável.

Esta ascendência artística contribuiu, sem dúvida, para o seu sentimento musical finíssimo que, junto à sua bela voz, tanta impressão causou na sua estreia, como cantor de concerto nas *Beatitudes*. Os solos de tenor da Oratória de Cesar Franck, sobretudo a 4.ª Beatitude, são difíceis, pelo cromatismo quasi constante. A impressão deixada não só não desenganou a expectativa criada pelas maravilhas apregoadas acerca da sua voz, mas causou uma admiração espontânea pelo seu belo timbre, método de cantor de grande perfeição, rara igualdade dos registos. Foi uma estreia cheia das mais belas promessas, fazendo uma honra excepcional ao seu professor, D. Fernando de Almeida.

Toda a assistência compreendeu que apare-

cera entre nós um cantor de envergadura, uma estrela de primeira grandeza na vida musical portuguesa e coube-me a honra de, nas colunas do *Diário de Notícias*, ser dos primeiros críticos a saudarem os seus primeiros lampejos e a profetisar o seu futuro fulgor.

A sua nova estreia, como cantor de ópera, na *Manon*, uma ópera extremamente difícil, onde têm fraquejado muitos tenores de grande reputação, constituiu um êxito tão retumbante e tão recente, que era perfeitamente escusado lembrá-lo. Exclamações de agrado e de emoção acolheram as suas primeiras frases, entusiásticos aplausos receberam as passagens importantes do papel de Des Grieux, sobretudo a «scena de S. Sulpício». Desde êste momento o seu triunfo como cantor de ópera estava garantido, mas êstes aplausos não foram mais que o prelúdio das aclamações estrondosas, das ovações que devia excitar, poucos dias depois, o seu desempenho da *Tosca*. Foram soberbas, na verdade, a belesão e a energia do seu canto. O timbre da sua voz ganhara em pureza, em frescura e em vigor, mostrando-se eminentemente próprio para exprimir, quer a embriaguez dos mais doces sentimentos, quer a veemência das paixões, isto é, a sua voz mostrou-se na *Tosca* dotada com aquelas qualidades que exercem no público uma acção irresistível, uma fascinação. É certo que os aplausos da multidão nem sempre premeiam os melhores artistas. Os cantores que ela geralmente aplaude são: os que dão notas agudas, embora desafinadas, os que fazem acrobacia vocal, com vocalejos, harpejos e trilos disparatados e têm, segundo Berlioz, uma agilidade de dezessesis semi-colcheias por compasso, os que, não tendo a voz cultivada, dão algumas notas com sonoridade brutal, os que declamam com enfase, com empolamento, as criações dos compositores, em vez de cantá-las com sentimento musical, enfim, aqueles que vendem a arte pelos trinta dinheiros de Judas e ainda por cima a assassinaam...

No caso de José Rosa, as aclamações do público distingiriam um cantor dotado dum bela voz humana (e não de Polichinelo!), sabendo cantar admiravelmente, sabendo actuar com grande inteligência, dotado dum sentimento musical finíssimo e sabendo música, sabendo respirar (porque é na scena que é sobretudo imprescindível saber respirar, não parando nas sílabas breves, não correndo sobre as longas, não cortando o sentido das palavras) um cantor que, cantando, não diminui a obra do compositor, porque é um intérprete musical atento, fiel e inteligente, e, oh! milagre!, um cantor que também representa com raro talento, com naturalidade impressionante, metendo inteiramente a sua personalidade nas acções dos personagens que interpreta, e exprimindo, como tendo sobrevidado a si próprio, as emoções virtuais das almas desses personagens.

Posso resumir as minhas impressões sobre José Rosa, na frase lapidária do grande mestre Berlioz para um caso idêntico: «pertence ao número dos raros artistas executantes, pelos quais a Arte existe, e não ao número muito maior daqueles, pelos quais a Arte morre».

JOÃO DE FIGUEIREDO.

TEMPOS QUE NÃO VOLTAM



Nós andamos sempre presos da ânsia do futuro, sempre esperando melhores dias, e ainda bem que esta ilusão nos resta, porque, se assim não fôsse, o presente, por vezes, seria insuportável. Mas, triste é confessá-lo, esses melhores tempos nunca chegam, senão,

eram delícias, ao lado das que vamos vivendo...

Na evolução da moda e dos costumes, todos os países têm perdido algo da riqueza dos seus bens tradicionais e do encanto dos seus usos.

Vejam, por exemplo, a França, onde a trapeira da *Mimi Pinson* é já um mito, porque as «midinettes» querem *appartements* de luxo e colares de pérolas, ainda que falsas, como a sua aspiração de felicidade.

A Espanha das castanholas e das pandeiretas deixou-se invadir pelo jazz, e a peineta assim como o «manton de Manila», que em tempos, ainda próximos, encliam de graça e côr as praças e ruas de Castela, estão passando a antiguidades de Museu.

Nós tínhamos belas coisas, cheias de pitoresco e de graça, também.

Entre elas, sobressaindo, contavam-se a «Sopeira» e o «Guita».

A criada ideal, que ganhava três mil réis, sabia da sua arte, pelo menos o *trivial*, como elas diziam, dormia num quarto escuro, às vezes de colchão no sobrado, e trazia as caçarolas luzidias como espelhos.

A sopeira desenxovalhada, de cara lavada sem pó de arroz e sem *báton*, cujo único fraco era um desempenado guarda municipal — o guarda republicano de hoje — o seu rico «guita», segundo a designação popular.

E, aos domingos, ela lá ia pelo braço do seu amor, de saia e blusa de chita apertadinha na cintura, mantilha na cabeça ou lenço, chaile no braço para as eventualidades, e, na mão, segura como um sceptro, a clássica sombrinha de castão em arco e de

ponteira aguçada como uma flecha de catedral.

Na dispensa, havia sempre um bom naco de carne assada, subtraído à mesa dos patrões, com que ela regalava o estômago do seu namorado, cansado da feijoada da regra.



raramente, para alguns preferidos da Fortuna.

A massa geral só tem decepções, depois da espera, porque o que chega é sempre inferior ao que passou, e o pior ainda é que tempos passados não voltam mais.

Se pudéssemos fazer com que o tempo fizesse marcha atrás, com que prazer, com que entusiasmo nos agarraríamos às nossas horas gastas que tão más julgávamos e que





Que saudades faz a lembrança dêsse par-
tão português, que Schwalbach simbolizou
nas suas revistas!

Parece-me ainda ouvir Angela Pinto, Vale
e Silva Pereira, ela, a «sopeira», eles, o
«guita» e o «polícia», num terceto que correu
as ruas:

*Ai Joaquina, ai Joaquina,
Vamos entrar de jachina...*

Naquele tempo, as aspirações da creadi-
nha eram limitadas. Nas suas aspirações
amorosas, contentavam-se com o menino da
casa, e nunca erguia os olhos para o patrão.
A sua senhora podia confiar nela, podia sair
descançada, que não tinha ali uma rival
provável.

E trabalhava como uma negra, na signifi-
cação que esta frase tem de actividade
exaustiva.

Era quasi sempre criada para todo o ser-
viço, e o tempo chegava-lhe ainda para tra-

tar da sua roupa e fazer umas rendas de
crochet que ela oferecia à dona da casa,
como prova da sua amizade.

Porque essa criatura, analfabeta as mais
das vezes, sabia muito bem costura, ren-
das e algumas até bordavam.

Eram curiosas, como o vulgo chama às
pessoas com habilidade para qualquer tra-
balho.

E fiéis, então? Podia-se-lhe confiar oiro
em pó. Um alfinete que encontrassem na
varredura, entregavam-no. Podia-se deixar
tudo aberto, que não havia perigo. Lá apa-
recia uma ou outra que fazia mão baixa sô-
bre uma jóia, mas não como agora, em que
é raro o dia que o noticiário dos jornais não
se ocupa de criadas gatunas.

Hoje não são de fiar em nenhum sentido,
ressalvando, é claro, as excepções honrosas,
porque sempre houve bom e mau, em tôdas
as classes e em tôdas as latitudes.

Viram mais alto, agora, as suas ambições.
O menino já lhes não serve, preferem o pa-

trão, porque êsse pode pôr-lhe casa e tirá-las
da vida de servir.

Enfeitam-se mais e invejam os vestidos e
as meias de seda da sua senhora, que tem
de andar com todos os cuidados, para que
elas não vistam a sua roupa, como algu-
mas fazem, quando apanham a patrão fora
de casa.

A culpa, em boa verdade, de tôdas as
transformações dos usos e costumes incluso
das sopeirinhas, é da Dona Moda, que tem
virado tôdas as cabeças, com os seus ca-
prichos.

Hoje, a «sopeira», transformada em criada
fina, de meias de seda, perfumada e pintada,
quer emolumentos de chefe de repartição,
quarto com guarda-vestidos e as noites livres,
de vez em quando.

E as que aparecem quando aparecem, por-
que já não há quem queira servir — são algu-
mas desiludidas da sua vida de *papillons*
dos «clubs», trazendo ainda no cabelo restos
doirados de camomila, e, na trouxa, a última
túnica palhetada com que pretenderam dis-
farçar a sua origem humilde.

Quanto ao «guita», êle já não olha fácil-
mente para as pobres raparigas sem posição
e sem fortuna.

Por uma ironia do progresso, que às vezes
prega boas «partidas», o «guita» é republi-
cano de nome e de convicções políticas, mas
aristocratizou-se nas suas aspirações.

Quere noiva fina e de têres. Se a «sopeira»
de antes regressasse êle, que já não dá guita,
voltava-lhe a cara.

«Outros tempos, outros costumes», dizem.
Bem sei, mas faz pena.

MERCEDES BLASCO.



A LENDA DA CASA DA URCA

ILUSTRAÇÃO



Quando na rua Direita do povo tinham as guiseiras do «break» da Urca e o Manuel Sampaio assomava impertigado na almofada sustentando o trote rijo da parelha andaluza, as gentes descobriam-se silenciosamente, mas, logo que o ângulo do muro da ermida escondia o carro e o fidalgo, de postigo para postigo as comadres murmuravam:

— Lá vai aquele malvado!
— Minhas ricas courelas, amanhadas com o snor dos meus!

— E matou a mãe, aquele maldito!
Gente mais nova contemporizava:
— Pois sim, mas éle anda de carro e nós andamos a pé!...

— Antes para o céu, de gatas, que para o inferno, de sege — rematava sempre a tia Emília do Quirino, e fechava a porta para ir benzer-se em frente duma estampa da Senhora do Cabo, que sempre trazia alumiada na casa de fora.

Quando alguém estranho ao povo preguntava quem era o Sampaio da Urca, sempre havia quem respondesse:

— Ora, quem é... É um malvado que está pôde de rico a roubar os pobres. Até tem mortes na consciência... De uma sei eu...

E vinha logo, sem rodeios, a história da mãe, a Fidalga da Urca, *sa que era uma santa, que até fazia de Nosso Senhor por mór dos pecados dos filhos.*

E a história da mãe era a história do Sampaio.

Este Manuel de Sampaio era neto do capitão-mór da Urca, miguealista ferrenho, que ficara arruinado em 33. Do morgadio, vasto como um bispoado, nada ficara. Confiscadas as terras em proveito dos pedristas do concelho, os pais de Manuel de Sampaio tiveram de recolher-se à Quinta Pequena, bem único que escapara à unha liberal, por ser dote da mulher.

O resto: chãs de lavra, pomares, oliveiros e terras de montado, tinham sido divididos pelos cartistas graúdos e o terreno ficou dividido pelos muros e sébes que extremavam as sete quintas em que fôra repartido o domínio dos Sampaio.

O Manuel já nascera na Quinta Pequena, e, criado por uma cabra, não bebera com o leite as crenças políticas dos maiores. Os pais, com terror da pobreza, quiseram dar-lhe profissão, e o moço foi para a Coimbra para lêr direito

nos bancos da Universidade. Ao tempo, passava na Academia a brotoeja liberal e aos mais atacados já não satisfazia a doutrina da Carta. Queriam República. Recitavam Hugo e decoravam Rousseau.

O Sampaio, falto de geito para as letras, mandrião e indisciplinado, filiou-se logo na vanguarda política e criou um certo nome entre o rancho da esquerda. Um dia, a má nova da morte do pai, varou-o. Aquela morte era a volta para a aldeia, a miséria dama vida de pobre sem horizontes e com o amanhã das quatro geiras e a sachola das regas como recursos débeis para a certeza da cõdea.

Não. Aquilo não podia ser. Da leitura dos códigos alguma coisa lhe ficara no bestunto. Duas noites em claro a pensar na vida, marcaram-lhe o caminho a seguir para arredar a miséria e ser gente.

Nas férias da Páscoa foi a casa e quando voltou a Coimbra já levava, definitivamente traçado, um plano de combate.

Na Quinta Pequena havia joias valiosas que ao tisco constitucional haviam escapado sonegadas ao arrolamento.

Manuel Sampaio deixou à mãe todos os haveres do casal, trazendo porém consigo a melhor parte dessas joias. Dum salto foi ao Porto e deixou num banco os adereços, como garantia de três contos levantados a 9 % ao ano, com amortização facultativa. Chegado a Coimbra, não mais abriu os compêndios e tratou de estreitar relações com um escrivão de Fazenda, cunhado dum notário. Ponco a ponco foi entrando na profissão de capitalista. Ele era o homem ideal para os casos difíceis. O banqueiro indicado para os pequenos empréstimos a prazo curto e juro alto. Ajudado pelo escrivão e pelo notário, procedia com segurança.

O afecto dos mutuários cohoestava a usura, e Manuel de Sampaio ganhava dinheiro.

A frequência de dois anos na Universidade criara-lhe também um núcleo de relações aproveitáveis. Vinham-lhe de longe, das terras dos condiscípulos propostas de negócios hipotecários, que éle aceitava ou não conforme as disponibilidades, as quantias e o apêto dos clientes.

Um padre velho, pecunioso e desconfiado, cativo das habilidades de Sampaio para grangear cabedal, ofereceu-lhe uns dinheiros que dormiam num cofre colocado no Monte Pio a 3 %. Se o Sampaio quisesse lidar com éles a seis, poderia dispôr de mais 12 contos para o seu giro... O padre exigia fiador idôneo e segrêdo. O tabelião ofereceu-se e foi assim alargado o âmbito dos negócios. A execução de duas hipotecas tornou o Sampaio proprietário em S. Martinho do Bispo de duas courelas, que podiam bem valer oitocentos ou novecentos mil réis e que lhe haviam ficado por menos de quinhentos. Esta posse aumentou-lhe os créditos, moeda a moeda o pecúlio foi crescendo e ano e meio depois do início das operações, Sampaio tinha resgatado as joias da casa e, além do dinheiro do padre, já tinha de seu com que honrar a fama de prestamista habilitado. Em Agosto foi à terra. A fama de homem de negócios havia-o precedido e, mal tornou a pisar o chão paterno, as propostas de empréstimos assediaram-no.

Pensou maduramente no caso.

Dessa locubração nasceu o desejo de reconquista. Aquele chão dos avós tentava-lhe a cubiça e arredava-lhe os escrúpulos débeis. Estava indicado ser ali o verdadeiro campo de acção para a sua actividade financeira. Tôda aquela gente era pobre, ingénua e crédula, e apesar de todo o fermento democrático das ideias liberais, o Sampaio era ainda, para todos, o senhor morgado, o dono antigo daqueles campos, a pessoa mais grada da terra. Além disso o morgado era simpático, forte de músculos e rijo de membros, mais alto, duas polegadas, que o prior Sena, que era tido por homem de corpo. Sabia vestir com aprumo a jaqueta de alamares e o rosto moreno saía-lhe bem definido e grave da sombra do chapéu braguez.

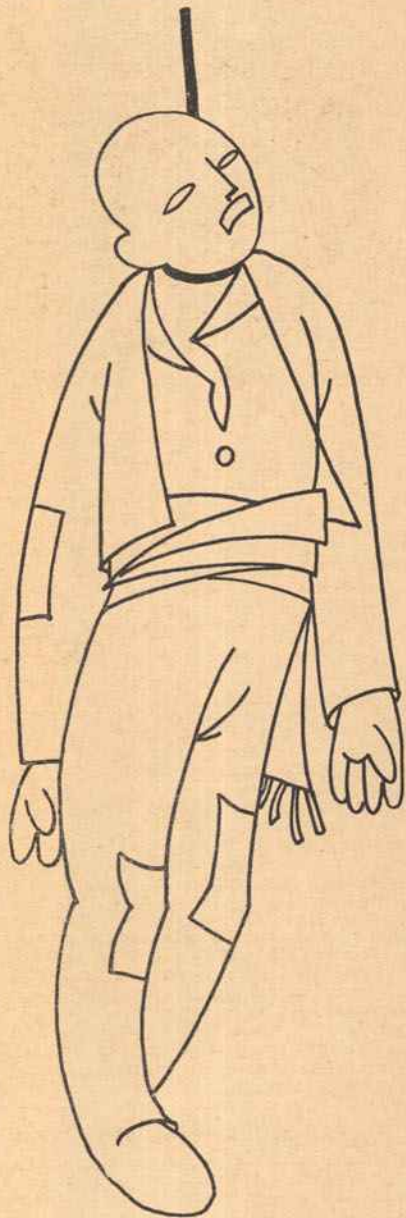
Calçava esporas de ouro e não desdenhava, aos domingos, ganhar copos, que não bebia, nas partidas de chinquillo com os rapazes do povo à sombra das ramalheiras do Adro.

A princípio queriam-lhe bem e num prazo curto Manuel de Sampaio era o crêdor de tôda a freguesia.

Chegaram a conceder-lhe honras de santo. A invocação do seu nome choviam benções.

— Devo-lhe dois semestres de juro e éle não me apoquentar! Aquilo é um santo... Deus lhe dê tanto quanto eu para mim desejo...

— E eu já passa de ano e meio que lhe devo e éle nem palavra...

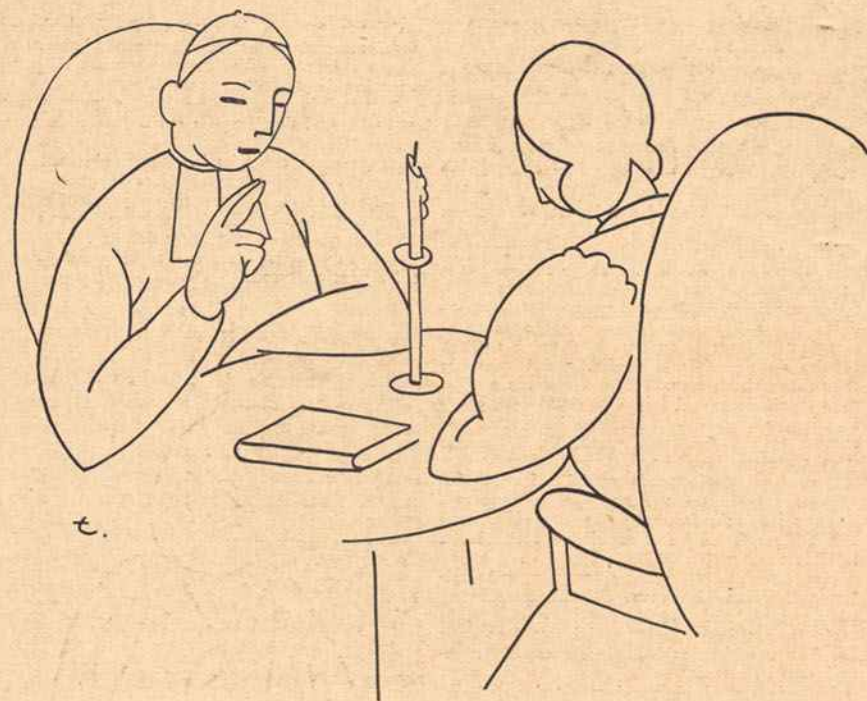


Nesta forma de negociar estava o segrêdo do Sampaio.

Volvidos os meses, chegada a ocasião mais precária, quando as despesas do amanhã e o esquecimento do encargo tinham deixado sem defesa os devedores, o fidalgo cafi-lhes em cima com a execução judicial, veiu a praça e éle arrematou os bem hipotecados com pouquíssimo acréscimo sobre a dívida, tomando ainda generosamente a seu cargo as despesas da execução. Da primeira chacina arrebanhou, em volta da Quinta Pequena, três parcelas do antigo domínio. Sucessivamente foi executando os outros devedores e aumentando o património. Alarmados, os pequenos lavradores come-



t.



çaram a descobrir o plano do Sampaio e a perceber o sentido daquela paciência de esperar, que tanto os comovera a princípio.

Então os mais resolutos procuraram a fidalga. Levaram-lhe a queixa desesperada de gente que ficava espoliada de todos os bens.

A morgada, a princípio, não deu crédito. O filho não era capaz de proceder com tamanha crueldade.

Interrogou-o. Repetiu-lhe as queixas dos espoliados e Manuel Sampaio limitou-se a sorrir e a responder com uma pergunta evasiva:

— De quem era isto há cinquenta anos, mãe?

— Então se era nosso é justo que nosso continue a ser.

E fechou-se para nunca mais falar no assunto. Um dia, o prior Sena procurou a fidalga.

Vinha pedir agasalho para uma viúva que tinha ficado sem tecto depois da penhora dos tectos e da venda do pardião que habitava.

Padre Sena falou ao coração da velhota. Assustou-a com o mau caminho que levava a alma do filho e por último, quando ouviu dizer que o Manuel não ia por conselhos de ninguém, apelou confiado para os remédios do céu. Que rezasse por ele, que rezasse muito, para ver se Deus movia a rudeza daquela alma, permitindo que nela entrassem os eflúvios doces do amor dos homens e da piedade cristã.

D. Ana Maria chorou muito e muito orou, e no íntimo da sua alma resolveu empreender a conversão do filho, captando, por uma vida de penitência, as boas graças da Mãe de Deus, como advogada celeste daquele filho desviado pela avareza e pela cubija dos bens da terra.

A fidalga, a ocultas do filho e dos seus, jejuava, martirizava o corpo com penitências austeras e pedia, pedia sempre à Mãe de Deus a conversão do pecador.

Alimentava-lhe a fé a história piedosa de Santo Agostinho, a quem as orações de sua mãe, Santa Mônica, tinham valido à contrição dos pecados e até uma tão perfeita emenda de todos os erros, que o antigo pecador se volvera, por mercê divina, em apóstolo fervoroso da Igreja romana e tão devotado pregador da religião de Cristo que foi colocado nos altares, como exemplo de santidade e estímulo de conversão para todos que uma vez trilhassem o caminho do erro.

Tardava, porém, o minuto da Graça. O morgado continuava enraivecido na sua fama de usura e de impiedade. Cresciam-lhe os bens a compasso dos crimes e no espírito da pobre mãe crescia o terror pelo futuro d'ele, esse futuro para lá da Vida, único bem que valia a pena assegurar-lhe.

O filho, de embrenhado que andava naquele enredo de negócios, nem sequer notava a tris-

teza da pobre velha, que raras vezes dizia uma palavra e passava por todos como sombra, deixando após si um ruído discreto de contas de rosário ou o murmúrio duma prece balbuciada.

Manuel Sampaio nem suspeitava a obra expiatória que por sua causa e à sua volta a mãe ia exercendo. Atribuía o silêncio e a tristeza dela à velhice, aos setenta anos já cumpridos e pouco se lhe dava de tal matismo.

Mais dum ano se passara neste duelo ignorado dos pecados do filho e das preces da mãe, sem que um só raio, débil que fosse, da luz divina tivesse alumiado por um instante o coração da velha.

Debalde procurava ela nos olhos do filho uma tristeza de remorso bendito ou um vislumbre de ternura doce que fosse pretexto a uma nova conversa de amos.

Manuel Sampaio vivia alheio de tudo que não fosse aquele nervoso afan de juntar fortuna e construir um domínio próprio sobre a ruína alheia. Aparte o cuidado extremo do vestuário e o gosto pelos cavalos de raça, nada mais lhe merecia atenção.

Ía perto dos trinta anos e não casara. Ninguém lhe conhecera amante. Nunca o povo disse que da boca d'ele houvesse saído um galanteio para as moças da terra. Mulheres, se as via, na capital de-certo as encontrava quando por lá se detinha semanas e semanas tratando com advogados e procuradores os seus negócios escuros.

Este desleixo pelo amor também affligia D. Ana. Pensava ela e ao Padre Sena o dizia que um bom casamento com uma rapariga bem educada e piedosa seria o melhor remédio para aquela absorvente paixão do ouro.

Por duas ou três vezes em pequenas festas íntimas reuniu a fidalga à sua mesa as melhores famílias dos arredores. Manuel Sampaio fora sempre amável com as visitas mas nunca os seus olhos tiveram demora insistente sobre outros olhos que o fitassem.

Dona Ana e o povo já quasi se haviam habituado àquela rude avareza do morgado quando uma tragédia súbita sacudiu a aldeia em um arripio de horror e foi lacerar profundamente o coração da fidalga da Urca.

Manuel de Sampaio havia emprestado uns dinheiros a um velho lavrador do sítio, homem tido e havido como modelo de honradez e de trabalho honesto. As geiras que o velho possuía foram o penhor do empréstimo. O Sampaio que de há muito cubicava aqueles palmos de chão fértil e em cuidado deixou o pobre atrazar-se no pagamento dos juros e de repente, como usava, executou a dívida empalmado as geiras.

Na manhã seguinte ao arreito foram dar com o velho pendurado do tronco da mais frondosa amoreira do cerrado.

Padre Prior, obediente aos ritos, não acompanhou o suêida mas todos o viram chorando encaminhar-se para o solar da Urca.

Horas esteve o padre em colóquio com a morgada. O que disseram ninguém soube mas de então avante foi outro o viver da fidalga. Morreu-lhe na boca o riso e em penitências e orações gastava os dias e as noites.

Na ala central do palácio era a capela de Senhor dos Passos e ela se recolhia D. Ana e em preces e lágrimas consumia as horas do seu viver atribulado.

Manuel Sampaio nem dava pela tristeza da mãe e esta que a toda a hora esperava o milagre de uma conversão redobrava de fervor nas preces e de aspreza nos sacrifícios.

Como supremo recurso tentou a prova máxima. Cada noite, quando tudo era silêncio na Urca, erguia-se do catre e entrava na capela. Lá, subia os três degraus do camarim do Senhor e tomando-lhe dos ombros a cruz pesada com ela percorria de joelhos as catorze estações da via sacra que ladeavam as paredes da capela. Tomando nos ombros a cruz do Senhor pelos pecados do filho esperava ela que a Divina Graça tomasse branda aquela alma dura e transviada.

Uma noite, gasta de forças e talvez cega pelas lágrimas tropeçou nos degraus do altar. O madeiro da cruz resvalando feriu-lhe a testa e a morgada ficou sob o lenho com os sentidos perdidos, descomposta e sangrando.

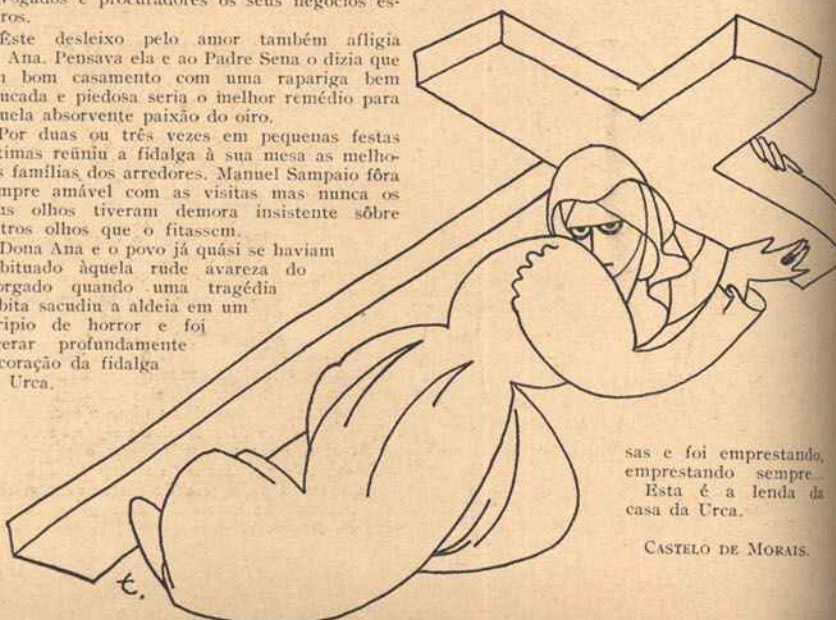
O ruído da queda acordou Manuel de Sampaio que de revólver em riste entrou na capela. Na meia luz descobriu um vulto suspeito e desfechou. Com o estrondo a mãe cobrou alento e ele então viu o estranho quadro.

Longe de comover-se alcinhou de doida a pobresinha que pelos pecados d'ele tomava a cruz do Senhor.

Três dias viveu ainda a fidalga, três dias em que o filho nem sequer lhe abeirou o leito. Ao quarto deu a alma a Deus e, desde o dia da sua morte, diz o povo que todas as noites uma sombra, de cruz às costas ronda pelos quinteiros e vai ajoelhar-se em frente da janela do quarto de Manuel Sampaio.

Os que melhor vêem estas visões do sobrenatural acrescentam que ao subir os degraus do varandim outra sombra ajuda a fidalga a levar o madeiro e dizem que pelo andar e pelo alvot das barbas que mostra é o velhinho enforcado.

Manuel de Sampaio não acreditou nestas cor-



sas e foi emprestando, emprestando sempre. Esta é a lenda da casa da Urca.

CASTELO DE MORAIS.



JOAQUÍN VALVERDE — Os Ingares

A EXPOSIÇÃO NACIONAL DE BELAS ARTES EM MADRID

A semelhança dos anos anteriores, neste ano de graça de 1930, de relativa graça para os destinos espanhóis, a Exposição Nacional de Belas Artes não correspondeu, no panorama do seu conjunto, ao expoente que a Espanha acusa depois de feito o computo das suas realizações plásticas. O termómetro, longe de marcar a temperatura do ambiente, daria ao espectador desprevenido uma ideia inexacta, por desvirtuada, da actual realidade artística do País que se apresenta com os bríos dos seus melhores tempos. Dir-se-hia um parlamento anódino onde faltasse, pela irregularidade do censo, a representação dos melhores organismos nacionais e do qual se desinteressasse a atenção colectiva, deixando-o entregue aos seus próprios destinos.

A organização destes certames de primavera imprime-lhes um carácter outonal e lúgubre, que muito mais se acentua nas exposições nacionais espanholas com o seu ritmo de cair de fólha sob a desolada estufa do Palácio de Cristal a gritar contrastes entre a exuberância estridente dos famosos jardins do Buen Retiro. As normas oficiais, sempre obsoletas em relação à leva artística que passa, trazendo implicitamente consigo, pela natureza evolutiva da própria arte, umas normas que já não são normas para a rotina imperante, que é a que regula e decreta, afugenta ao mesmo tempo a presença dos verdadeiros artistas. Exposições feitas mais para afagar a retina baça dos «touristas» de tópicos do que para satisfazer o desejo ávido dos buscadores de emoção, falta-lhes aquela assimetria harmónica e paradoxalmente disciplinada — personalidades que se afirmam unhas e inconfundíveis na ânsia dum sonho comum — que arroja lampejos de imprevisito às imaginações mais retemperadas e satura de sensações inéditas os mais claros entendimentos.



QUINTÍN DE LA TORRE — Farsa (bronze). (Foto Zàrraga)

Arte conservadora podíamos nós chamar a «isso» que busca o refúgio destes certames estéreis, achando assim, de modo figurado, uma designação formada por dois termos antagónicos, irreconciliáveis portanto. Mas, apenas de modo figurado, porque nem a Arte, que permanece actual no transcurso do tempo — sentido de eternidade — pode ser conservadora, nem o conservantismo admite em si a força germinativa e revolucionária que torna viva a vida, fecunda a beleza, vigoroso o espírito. É por isso que a Arte existe sempre à margem destes certames.

Acontece na Arte como nos povos... Passa a caravana sobre a messe florida, patas marciais que espesinham o fruto divino, e não se ouve um ladrido de indignação... Nem sequer um ganido de dor! Quere isto dizer que os povos não existem? Não. Os povos existem; mas existem à margem destas caravanas...

Por quem são constituídos os jurís nas Exposições Nacionais de Belas Artes? Em geral, pelos seus concorrentes de sempre. É um galardão que se conquista por via da antiguidade inglória e da córnea persistência. Qualquer coisa assim como um prémio à decrepitude e à caturrice. Como determinante iniludível, estas duas condições obrigatórias: a respeitabilidade dos anos e a caducidade das faculdades artísticas. Jactos de juventude espiritual, que não teem nada que ver com a juventude dos anos, e não está demais insistir neste ponto, são manchas rebeldes que deitam o quadro a perder. Há de ser tudo pequenino, mesquinho, bem arranjado, tudo no seu lugar, sem um passo a mais nem um passo a menos. E quando sopra um vendaval de talento que ameça correr com a velha ordem das coisas, erguem-se ao deus Apolo os braços irados para que nos livre das más tentações. Lucifer em figura de Dionísio! Abrenúncio! Ante tudo e acima de tudo há

que manter a ordem! Ainda que a arte estale de fome... Decididamente estes juris das Exposições Nacionais teem alma de policia! Daí um critério de restrições criminosas, um carregar de olho severo e iracundo perante a graça espontânea, o impulso da sensibilidade livre, o salto heróico que lança o corpo e a alma para os pés de Deus...

Isto dá como resultado que as recompensas se concedam, não em razão do valor intrínseco da obra que se apresenta, mas na razão directa dos centros officiais que o pobre artista frequentou e onde se malograram tódas as suas virtudes congénitas, se algum dia as teve. Obras concebidas com personalidade própria são abortadas em germen despiadadamente. Personalidade — a do mestre, a dos compêndios, a do modêlo. Só esta vinga para a ambicionada recompensa.

Assim, as medalhas constituem uma promoção por escala que se gradua conforme as

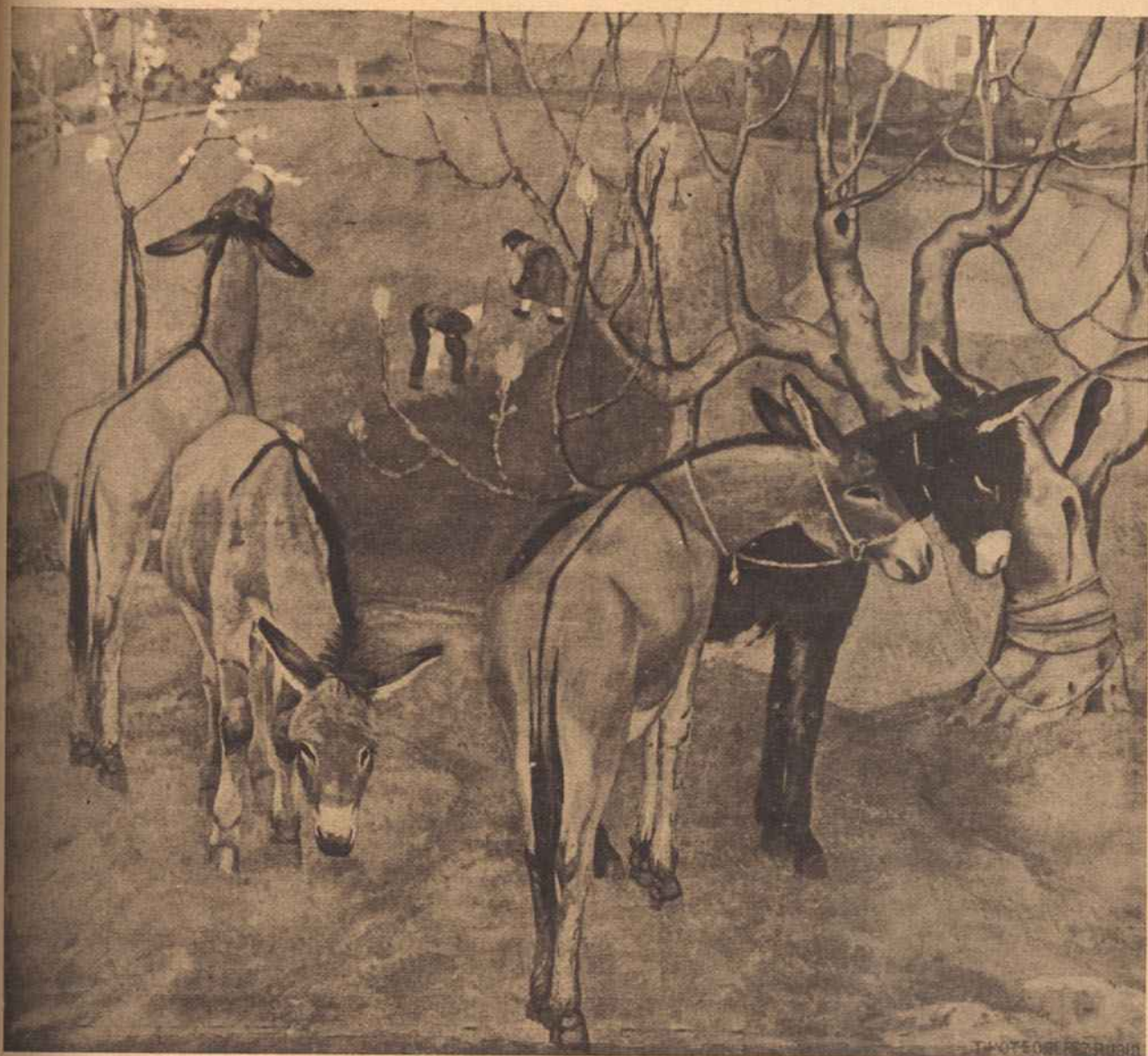
medalhas já possuídas pelo contemplado. E quem não conseguir entrar na escala, é inútil que aduza serviços de mais alto mérito. Incapacitado o júri para aquilatar de normas artísticas, rege-se sempre por normas tradicionais, que apenas reconhecem valores de ordem cronológica, vindo consequentemente cair a medalha, por via de regra, em certo cavalheiro, que tem com a arte esta relação bem simples: haver procurado comprehendê-la e interpretá-la após anos e anos de infrutíferas tentativas. Donde se conclui que o apetecido galardão leva consigo o reconhecimento da impotência artística do concorrente, apanhada em flagrante reincidência, o que significa, pelo menos, uma imoralidade sem nome.

Foram estas as características dominantes da Exposição Nacional de Belas Artes, realizada em Madrid, neste ano de graça de 1930.

Mas, a-pesar de tudo, alguns nomes se sal-

varam do lodaçal estético, limpos de mácula e até com honra e glória. Citemos, entre elles, e em primeiro lugar porque assim lhe compete, o nome de José Gutierrez Solana, que é, sem dúvida alguma, a afirmação mais vigorosa dentro da pintura espanhola dos nossos dias. Pintor da melhor estirpe hispânica, numa modalidade que encontra raízes em remotos documentos da sensibilidade da raça, representa, com Zuloaga, tódá a tradição da pintura espanhola. Mas, enquanto o pintor vasco recebe a influencia dum ambiente local já reflectido nas grandes criações literárias do seu País, dando-lhe, por vez primeira, uma nobre interpretação plástica, Gutierrez Solana alcança, por via do seu temperamento estranho, as primeiras manifestações estéticas do povo espanhol. Há na sua obra sedimentos de tódas as matérias que a alma dèste povo foi depositando ao longo da sua tradição. Mas das mais primitivas, das mais





TIMÓTEO PEREZ RUBIO — Paisagem e animais. (Foto Zarraga)

espontâneas, das menos sacudidas pelos ventos duma cultura determinada. A compreensão da obra de Solana é, indubitavelmente, um dos caminhos a seguir para se poder chegar ao *sub-consciente* da raça ibérica. Num dos próximos números da *Ilustração* dedicaremos a esta grande figura da pintura espanhola a atenção que merece.

A grande revelação na Exposição deste ano, foi o pintor Joaquim Valverde. Tendo frequentado todas as escolas profissionais e trilhando sempre o mau caminho até chegar a Roma, onde esteve pensionado como os piores pintores de todos os países — as exceções são tão poucas que não desmentem a regra — pôde chegar por fim a pôrto de salvamento com a alma virgem de tantos perigos que a ameaçaram. *Os Lagares* é uma obra de alto relêvo artístico que anuncia à Espanha a glória dum grande pintor. Assim o reconheceu Juan de la Encina com a sua voz autorizada e reconheceu-o também pintor tão ilustre e de tão vastos conhecimentos de técnica pictórica como Juan de Echevarria, num belo artigo crítico onde as quali-



ENRIQUE PEREZ COMENDADOR — Busto de mulher (Foto Zarraga)

dades do jôvem artista foram estudadas com profundo conhecimento de causa. Há, na composição desta tela, certa magestade velazquenha, conciliando-se, em todos os seus detalhes, a força tradicional duma grande escola de pintura com uma visão perfeitamente moderna.

Timóteo Perez Rubio cometeu, a nosso ver, um pecado de lesa-lealdade, cedendo a transigências que não podem merecer a sua própria aprovação. Sendo um dos pintores que hoje caminha nas avançadas da arte do seu país, onde conquistou um posto de destaque, apresentou-se nesta Exposição com um propósito deliberado: submeter-se à vulgaridade do ambiente. Mas, felizmente para êle, não o conseguiu. A sua *Paisagem com animais*, de belo sentido decorativo, pertencendo já a uma fase passada da vida artística do seu autor, foi, contudo, um grito de bom gosto no meio da mediocridade do certame.

Mais leal foi consigo e conosco o fino pintor valenciano Enrique Climent, que se mostrou tal qual como é, orgulhoso com a sua independência, sem se preocupar de aparecer



CRISTÓBAL RUIZ — Retrato de criança. (Foto Zórraga)

tal qual como foi... O Retrato do Dr. Blanco Soler, primorosamente desenhado e de subtilíssimas gamas na sua cromática transpa-

rente, é, por assim dizer, o transunto para os nossos dias, com expressão actual, da preocupação temática dos pintores primitivos. Mesmo, no estudo da perspectiva, há uma certa ingenuidade de pintura antiga que dá ao quadro um todo de grata harmonia que responde pelo propósito consciente do seu autor. Os planos desdobram-se como nos primitivos, como nos primitivos religiosos especialmente, indo-se encontrar ao fundo a representação dogmática duma scena real. Ou melhor, a explicação do dogma. É este, efectivamente, o sentido d'este quadro. Ao fundo, em último plano, num trecho admirável de pintura, a presença da natureza. No plano seguinte, um doente numa cama de operações. Isto é, a luta entre a vida e a morte. Aqui, com a ajuda da fé, representada por uma Irmã da Caridade. Pôr a vida no caminho da natureza, não será essa a missão do médico?

Merece também a nossa atenção o pintor Cristóbal Ruiz, lírico, por excelência, entre os novos pintores da Espanha. Há, nas suas paisagens, aquele sentimento elegíaco dos líricos de quinhentos. As suas tintas espraíam-se em delicados matizes até a um horizonte longínquo que a vista mal alcança, com uma espontaneidade emotiva que é uma das mais altas virtudes da sua personalidade de pintor. Cristóbal Ruiz é essencialmente um pintor de paisagens. Como retratista, não

deixa de ser o pintor das gamas doces, e os seus retratos são quasi sempre um motivo episódico dentro duma paisagem que ainda está por fazer.

Na escultura, foi Perez Comendador, com o Busto de Mulher, que aqui publicamos, quem mais chamou a atenção da crítica inteligente.



José PLANES — Dançarina moderna

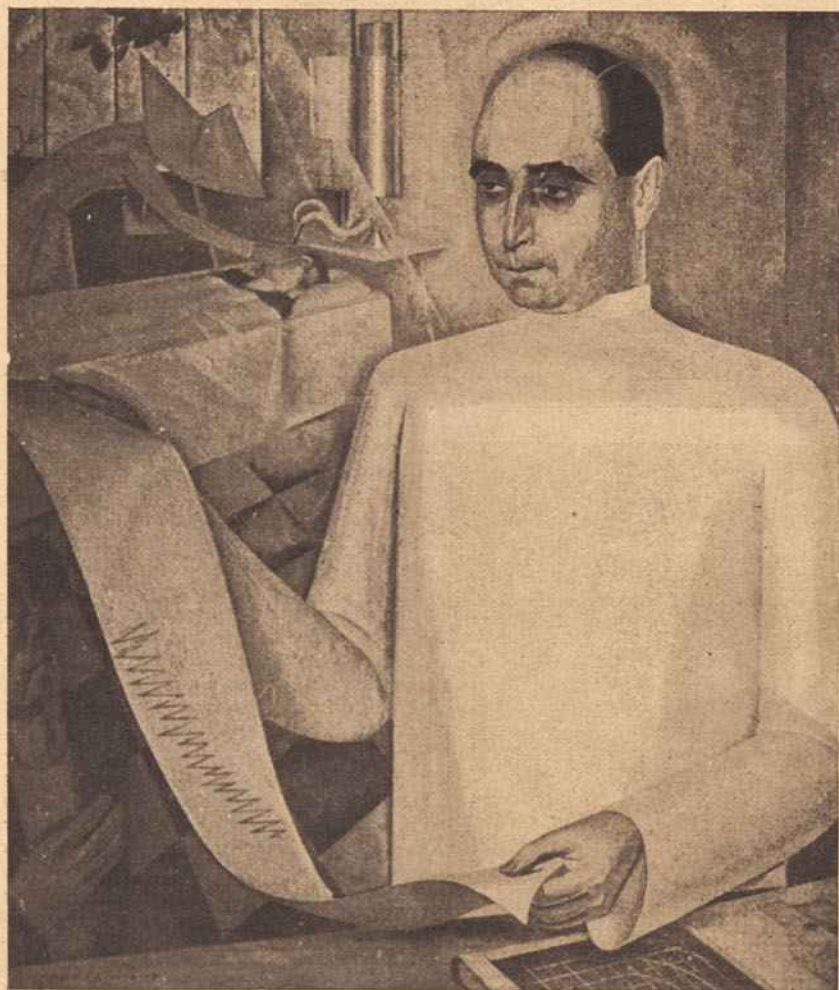
Quintin de Torre, o conhecido escultor vasco, confirmou, com a sua Farsa, as sólidas qualidades artísticas que já vinha afirmando através da sua obra.

José Planes, o escultor murciano a quem já nos referimos nas páginas desta revista, apresentou uma Dançarina moderna, magnífica de dinamismo e de visão actual, onde se sintetisa, em linhas simplicísimas, todos os seus profundos conhecimentos técnicos.

Não devemos esquecer o nome de Perez Mateo, que será um grande escultor quando desprezar certas preocupações germânicas, para as quais não o fadou Deus, assim como o jovem escultor chileno Lorenzo Domínguez, autor duma deliciosa cabeça de mulher que foi o melhor retrato desta exposição.

A Medalha de Honra foi concedida, por votação entre os artistas espanhóis, a Joaquim Ruiz, o mestre admirável da Catalunha, cuja obra contribuiu de forma decisiva para a visão duma nova paisagem que marcou época em tempos ainda recentes.

NOVAIS TEIXEIRA.



ENRIQUE CLEMENT — Retrato do Dr. Blanco Soler

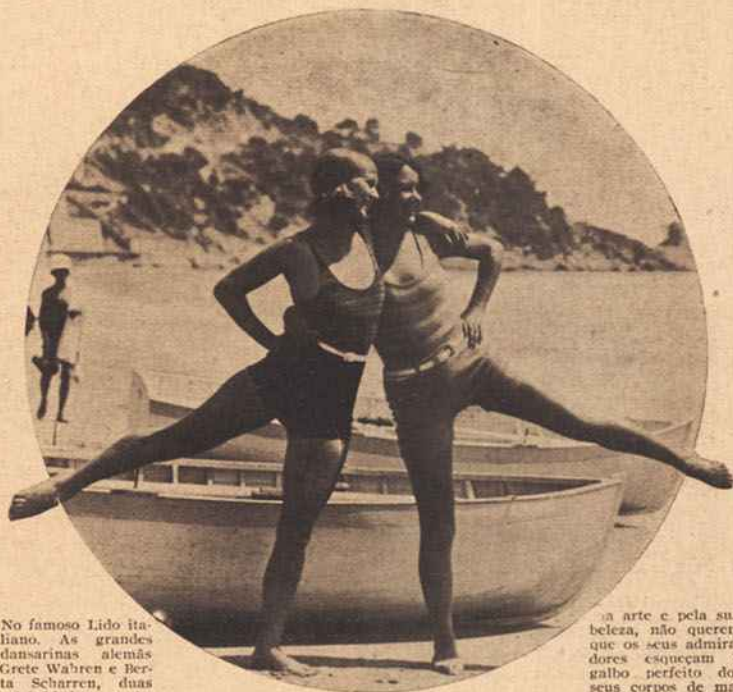
AS GRANDES PRAIAS INTERNACIONAIS



Na praia de Laytonstone está o paraíso dos «babies», que pulam e brincam num cândido nudismo



Na praia de Alassio, em Itália, um paraíso de sol e do mar, uma bela italiana, de olhos ardentes e tez bronzada, vestida com o branco imaculado, raiado de negro, duma «stollette» bem parisiense, pelo corte e pela audácia, afronta as objectivas curiosas dos fotógrafos que não de levar a silhueta do seu garbo pelo mundo fóra nas páginas dos jornais ilustrados



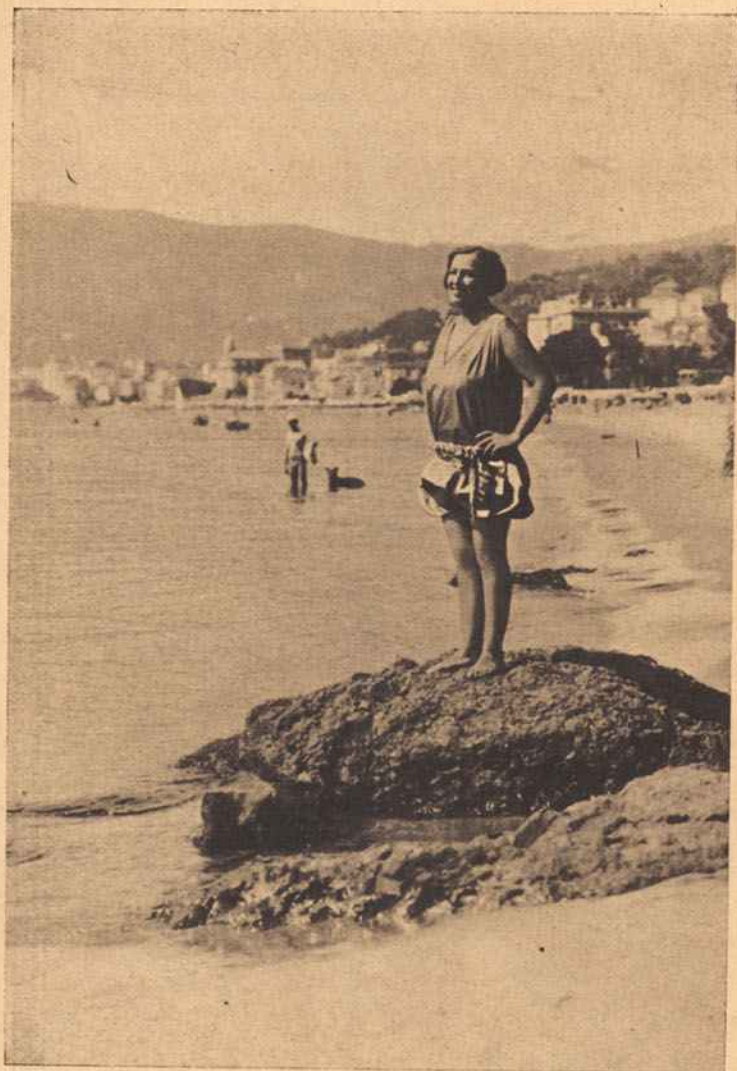
No famoso Lido italiano. As grandes dançarinas alemãs Grete Wabren e Berta Scharren, duas celebridades pela

arte e pela sua beleza, não querem que os seus admiradores esqueçam o galbo perfeito dos seus corpos de maravilha



A DIREITA — Em Alassio, na Itália ridente, uma turista de categoria, a eminente cantora espanhola Conchita Supervia, do Teatro Real de Madrid, celebridade mundial, prodiga o encanto da sua viva escultura e da sua alegria esfusiante

(Todas as fotos desta página são exclusivas de «Orrios» para a «Ilustração»)



Ainda no Lido, uma figura deliciosa e de grande destaque; a formosíssima e genial trágica Mary Maluta, insigne intérprete do teatro grego nos primeiros palcos da Itália, pausa para o nosso correspondente fotográfico



EM DEAU-VILLE — Um lindo traje de banho e no lido uma estátua magnífica

ca de carne cõe de âmbar, uma beldade... bem guardada por um lindo exemplar de São Bernardo



Ao oeste de Alessio (Itália), junto ao cabo Santa Croce, sobre a areia excepcionalmente suave e subtil que distingue aquela praia, há dois acrolitos que os sábios catalogaram como do ano da morte de Cristo. Diz a lenda que trepar a esses penhascos dá felicidade e por isso não há nenhuma dama nova ou velha, bonita ou feia, que deixe de lá se empoleirar. Como testemunho, temos esta linda italiana com o seu cósido anão



Em Palm Beach, na Califórnia, é Joan Crawford, a perturbante estrela, a mais ousada no «maillot...» e na beleza
(Foto M. G. M.)

(Todas as fotos desta página são exclusivas de «Orrius» para a «Ilustração»)

COSTA

DO SOL



Uma delgada gazela de frente à objectiva...



Vénus entrando nas ondas em pleno Estoril, o Estoril da moda, do jôgo, do turismo e dos admiradores platónicos de olhos esgazeados, pernas raquíticas e sapatos britânicos



...outra gazela airosa de mal com o fotógrafo



Uma das mais galantes banhistas da Costa do Sol. Bonésinho americano, maillot francês, tipo anglo-saxão, mas de-certo uma gentileza bem lusitana sob o sol claro, ardente e bom d'êste belo Portugal

À ESQUERDA — Duas lindas senhoras que pulam nas rochas do Estoril com a alegria da sua mocidade radiosa, mas que parecem reccar o maillot muito mais do que o fotógrafo audacioso. Duas lindas irmãs de tipos bem portugueses a impôr a sua beléza castiça ao dessoramento pseudo-desportivo da moda. Distinção e chique que não exclui... a modéstia

(Fotos de Hordêto de Novais exclusivas de «Ilustração».)



Um pijama de seda negra. No Lido?... Não... No Estoril, junto ao Tamariz elegante



Duas incógnitas... de mal com a fotografia



Três graças preciosíssimas na sua linda mocidade



Dolce far-niente na areia dourada, deliciando-se com a gracinha dum rosado e pequenito banhista



Os únicos que gosam, verdadeiramente, a praia, sem esnobismos nem etiquetas...



Um maillot muito Hollywood... um pouco acima de Cai-Agua...

(Fotos de H. de Novais para «Ilustração».)

A VIDA INTIMA DOS CAFÉS

PELO REPORTER X
ILUSTRAÇÕES DE STVART.

É uma história verdadeira, uma história de café, uma história que se conta com frequência à hora inegualável das «tertúlias», quando não há mesas livres e as lâmpadas eléctricas tecem em redor um halo de tarlatana feito com o fumo de centenas de cigarros; em que as vozes, o rabiir das gargalhadas, as exclamações, os «já lá vae», os «pronto!», os chamamentos, o estrear das palmas, o cair das colheres e o roçar das chaves pelas mármoreas, os pregões dos jornais, as buzinas dos autos, o tintilantar dos eléctricos se orquestra num «óóóó» único, excitante, vivo, animado... É a história-specimen e eloquente dum simbólico e fiel conjurado dos Cafés — escritor e jornalista ilustre que casou já na idade em que todos os hábitos do celibato, todos os dogmas do solteiro que prossegue pelos trinta anos fora a vida boémia e romântica dos dezoito, em que todos os vícios se tornam dentro da própria carne.

Para este café-cinomanio o tempo terraplanava-se do nascimento à morte, sem acidências, sem fronteiras que o dividissem, liso, igual como uma tira de papel que se desbobina e que acaba quando... não há mais papel na bobine. O tic-tac dos minutos; o toque badalado das horas, a queda rítmica das folhas do calendário marcando, de 24 em 24 horas, o começo de um novo dia, eram teorias, convencionalismos que não alcançava nem tolerava. Duas únicas divisórias chegavam à sua compreensão: a da noite e do dia — por causa da luz; a do inverno e do verão, por causa chuva, do frio e do calor... — «Não conheço ar mais pretencioso e idiota — declarava às vezes — do que aquele que vocês usam julgando ver ou sentir a marcha do tempo... «Já são 4 horas! dizem... Quatro horas? E quê?» E daí a bocado dizem. «Vamos para as cinco! E quê?» Que diferença os nossos olhos, qualquer dos nossos sentidos notou na vida que se desenrola em redor, entre as 4 e as 5? Tudo igual — e só umas setas, sujeitas a uma mecânica que as faz girar, com uma lentidão ridícula no século do automóvel foguete, é que se deslocaram, passando de cima do algarismo 4 para o algarismo 5. E é a esse velho, inútil engenho, que trabalha a passo de tartaruga, que vocês se deixam escravizar e tratam com um respeito como se, a cada movimento seu, se produzissem inesperados fenómenos... E o mesmo sucede com os dias... Hoje é sábado... Amanhã é domingo... E porque é que hoje é sábado e amanhã domingo? Qual é a característica que os diferencia? Qual é a importância que os distingue? E se em vez de baptizar o dia de hoje com o nome de sábado eu lhe chamasse João ou Francisco? E se não lhe chamássemos por nenhum nome — que mal haveria nisso? Se o hoje, se o amanhã já se me afiguram demasiada pretensão... E os meses? Estamos em Abril; estamos em Fevereiro... E quando vocês dizem — ridículo — «Chegamos a Agosto!» com o enfase de quem vê qualquer coisa de extraordinário, um privilégio para os nossos olhos;

como o viajante experimentado que diz para os companheiros do vagão que fazem turismo pela primeira vez: «Chegamos a Paris!» Horas, dias, meses, anos, séculos — teorias, pretensões, inutilidades, ridículos; a vaidade humana a complicar a vida, a pretender delimitar fronteiras, pôr muros; e trancar portas no tempo, como se o tempo não passasse todas as fronteiras, não saltasse todos os muros, não se filtrasse por todas as fechaduras...»

Pácil é de visionar a reacção que o regulamento insofismável do novo lar, com o livro do ponto humano a obrigá-lo a conhecer as horas, os dias, os meses — produziu neste anarquista dos relógios e dos calendários. Mas quis Deus oferecer-lhe uma esposa paciente que soube dosear as suas naturais manhas de mulher com uma inteligência subtil e persistente. Fimdo o primeiro ano de clausura já ele ia por seu pé, para a cama ao dar da uma; e se levantava, sem

despertador, às 9 e não deixava nunca esfriar a sopa, posta na mesa, pontualmente, às 7 e meia. Mas uma resistência tenaz, blindada, lhe encontrou a sua meiga tutora: o vício do café... Engulido o último doce, dobrado o guardanapo, escorripichado o cálice de Pôrto, acendido o cigarro — era infalível: «Bem... Vou ao Café!» E ia, saltando elásticamente, por cima de todas as habilidades que a consorte usava para o deter.

Uma noite perguntou ela qual era o secreto e poderoso prazer do café, que se sobrepunha assim ao prazer de se demorar a seu lado, ao alcance das suas carícias e encantá-la com a sua conversa, sempre brilhante, mesmo quando banal. E ele exclamou:

— Perdoa, meu amor — mas tu bem sabes que eu adoro o café... O café, pode dizer-se, é o meu único vício. Um jantar sem o remate do café é uma ogiva sem chave. Mas há de ser bom — que o sofrível é peor do que mau para um verdadeiro amador.

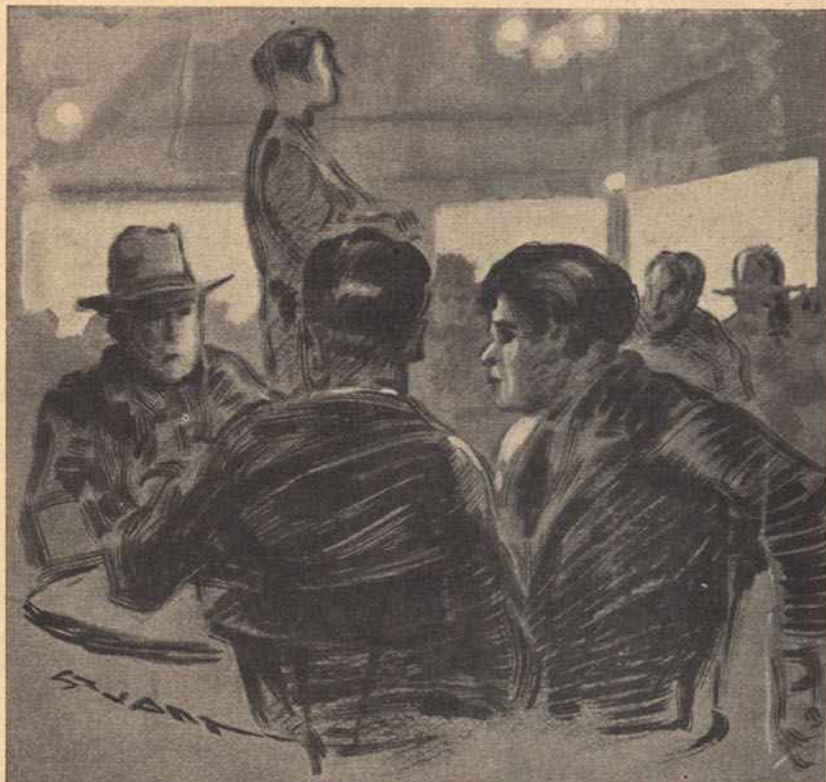
— Está bem — concordou a esposa. Compreendo-te e dou-te razão. E de amanhã em diante vou estudar profundamente a alquimia do café — para poder competir com o que tomas lá fora.

Oito dias depois era solenemente inaugurado o café resultante dos estudos da esposa, de dezenas de experiências e de uma verdadeira busca geral por todas as boas mercearias de Lisboa. Na noite da inauguração o marido sorriu-se, elogiou a preparadora daquela delícia e premiou-a com um longo estrear de beijos. Mas o grande prêmio foi o dele não sair, após o jantar e quedar-se a ler ou a escrever enquanto ela costurava, ao seu lado, no escritório. Ao findar a semana, não passaram despercebidas à sua fina observação as primeiras caretas mal disfarçadas. O que tinha o café? Fôra feito como das outras vezes...

— Tu perdoa, minha filha... O café está bom; está mesmo muito bom e não haverá por aí quem o faça melhor... Mas — não sei — café como o da «Brasileira» não há, por mais voltas que se lhe dê...

Alarmada, temendo perder aquela pepita de felicidade de o acompanhar, toda a noite, correu no dia seguinte à «Brasileira» a comprar café do melhor. E terminado o jantar perguntou-lhe se estava contente.

— Ah! Este é outra coisa... Não há dúvida... Vê-se logo — até pelo perfume... O café da «Brasileira» é inconfundível.



Mas as caretas crispam-lhe de novo o rosto, passados alguns dias... Que tinha o café? Continuava a comprá-lo na «Brasileira» e a prepará-lo como até ali...

— Não digo que não, meu amor... Mas é a tal coisa. Eles tem a sua fórmula, o seu sistema, o que se toma em casa e o que se toma lá — mesmo quando sejam feitos com café igual.

Não descansou a paciente e persistente esposa enquanto não conseguiu que lhe ensinasse a fazer o café com a ciência dos iniciados da «Brasileira». E quando do bico da cafeteira surgiu um jacto negro e fumegante e a nova e minúscula chávina, chancelada pela marca do velho desdentado saboreando, gulosamente, os últimos goles, se encheu, orlando o líquido perfumado de bôlhas cinzentas, as narinas do perito e viciado esposo dilataram-se, os olhos rebrilharam e os dedos, premindo a asa, levaram, com sofreguidão, o café aos lábios... Que tal?

— Esplêndido! Igual ao da «Brasileira!» Bravo! Bravo! Até que enfim que aprendeste o segredo! Agora já não preciso sair de casa para tomar o verdadeiro café...

Rejubilava a esposa, julgando definitivamente resolvido o último problema da sua obra de reeducadora. Mas — esse júbilo não teve mais longa duração do que os anteriores. Ainda não terminara a semana — e já ela via o marido insatisfeito... Que argumento iria buscar agora, Deus do Céu? Interrogou-o — e ele foi leal e sincero.

— O café, minha santa, não pode ser melhor. Tu conseguiste igualá-lo ou mesmo suplantar o da «Brasileira». Mas que queres tu? É o hábito, aquela meia hora de conversa com os amigos, as novidades que se trocam, as histórias que se contam, a esgrima de vários espíritos falcando ideias e distraindo; um petisco moral e intelectual, em suma. Além disso — tenho amigos de velha amizade; estava habituado a encontrar-me com eles todas as noites, à hora do café — e tenho saudades, acredita...

Ela não protestou — mas na sua tenaz resolução de vencer aquela teima, com doçura, fantasia e inteligência, germinou logo um plano para que mesmo aquele «contra» apresentado pelo marido, desaparecesse, desaparecendo, sem remissão possível, o vício da meia hora da Brasileira. E na noite seguinte, no momento de se sentarem à mesa para jantar — ela preveniu-o, com um sorriso velhaco, que reservava uma surpresa, uma grande surpresa, para a sobre-mesa. Doce de ovos? Não... «Crème Chantilly»? Upa! Upa! Ele não acertava — e ela intrigava-o não falando doutra coisa. Terminada a refeição, ouviram bater à porta... Quem seria aquela hora? A criada foi abrir — mas quem quer que fôsse avançava em silêncio para a casa de jantar, Grande pasmo ao ver entrar Fulano, Beltrano, Cícero, o confrade Z, o antigo discípulo Y, o editor W — todos os amigos que formavam a sua *tertulia* da «Brasileira». E a esposa, depois de mandar vir nove chavenas de café — explicou alegre e orgulhosa:

— Era esta a surpresa que te reservei. Disseste-me ontem que sentias saudades da tua meia hora de café — por causa da conversa e dos amigos. Escrevi às esposas de todos estes senhores e amigas minhas e pedi-lhes para que os maridos viessem cá para casa em vez de irem para a «Brasileira»... Elas ficaram contentíssimas — e eu também. E assim passas não meia hora mas todas as horas que quiseres satisfeito — e escusas de sair...

Aquela primeira noite foi um êxito. Ela nunca vira o marido tão alegre. E os amigos acompanharam-no no mesmo entusiasmo. Elogios ao café... Abriu-se uma garrafa de «Marcie!»... Esplêndido... Tudo esplêndido...

Quinze dias durou para aquele modelo de esposa — modelo fora da moda nos nossos dias — a ilusão da vitória... Na segunda quinzena começaram a notar que o marido voltava a fazer caretas às visitas como fizera ao café! Mas não era só ele... Os amigos também não exibiam a mesma vivacidade dos primeiros dias. Os períodos de palestra encurtaram-se, dilatando-se os de silêncio e os de epidémicos bocejos... A própria assiduidade dos companheiros de *tertulia* perdia muito da regularidade do princípio. Hoje faltava um; amanhã dois; este pouco se demorava; aquele vinha tarde; aqueloutro precisava de sair cedo... E ao cabo dum mês — o marido declarou à esposa:



— Custa-me muito não continuar a fazer esta vontade — como tenho feito as outras, mas não posso. Bem queria — mas não é possível. Custa-me porque bem compreendo os teus esforços, a tua paciência, os trabalhos que tens tido — mas este é superior às minhas forças... De amanhã em diante recomêço a ir à «Brasileira», depois do jantar.

— Está bem... Vai — concordou desconsoladamente a esposa. Mas juro-te que me sinto intrigada e que não compreendo o que te falta, qual a razão porque regressas a esse teu hábito. O café que eu arranjo — afirmas tu — é igual ao que lá te servem; os amigos que veem cá tomá-lo contigo — são os mesmos amigos com quem lá te encontras; as conversas, a troca de ideias, todo o prazer espiritual que gozas na «peña» da «Brasileira» é o mesmo que podes gozar em tua casa... Qual a razão, pois, que preferes a «Brasileira» à tua casa? O que te falta? Diz — porque talvez tu te consiga...

— Olha, minha filha — aparentemente parece um disparate... O teu café é tão bom ou melhor; os amigos são os mesmos; iguais as conversas — mas falta-me uma coisa e essa não podes tu arranjar-me cá em casa...

— ?
— Falta-me a «Brasileira»...

Este verídico episódio é exemplificação do poder absorvente do Café — exemplificação do efeito e do mistério que parece envolver o iman que atrai, retém e cria no espírito de quasi todos os homens civilizados um hábito com aparafusamentos de vício.

O «Café», neto da «Pousada», filho do «Botequim», parente afastado e sem contacto nem parencas físicas ou morais da plebeia «Taberna» de péssima reputação — teve uma ranchada de filhos. Três rapazes — o «Bar», másculo embora frívolo, mas muito dado, democrático, sociável, sem se descuidar nem se apurar nunca; o «Dancing», alegre, folgasão — mas equilibrado; o «Cabaret» — que degenerou e que tem



enchido a família de desgostos; e duas meninas: o «Tea-Room», pretenciosa, «coquette», pulverizada de toleima e amiga de luxar e a «Lunch-Room», mais prática, trabalhadeira, boa dona de casa, fazendo petiscos rápidos, saborosos e económicos. Existem ainda dois sobrinhos do café, filhos dum irmão mais velho — o hotel — e que merecem citação especial: o «Grill-Room», educado à americana, elegante sim mas franco e leal, que nada oculta e que trabalha à vista do público para demonstrar que não impinge gato por lebre; e o «Hall», chic, bem categorizado, bem vestido, endinheirado, bem relacionado — mas que abre os braços, o coração e as portas a toda a gente e toda a gente reúne sob o seu tecto, pertença ou não à sua classe e que conseguiu, dentro da máxima liberdade, o máximo bem estar e paz absoluta.

Contudo, de tão numerosa família, nenhum é mais estimado e penetra tanto em todos os corações — como o Café. O Café é uma instituição social de valor nem sempre apreciado com justiça. O Café é a rua, com todas as vantagens, liberdades, independência, vida, movimento, alegria da rua e é o lar, com todos os confortos, independência e carinho do lar.

Existem indivíduos que detestam a rua, os encontros, os encravados, os automóveis, o ruído, o bru-ha-ha — mas que não trocam a sua hora de café por preço algum. Existem indivíduos que detestam a rua, o escritório onde trabalham, o teatro, o cinema, as casas dos amigos, as lojas, o barbeiro — mas que não dispensam a sua hora de café. Existem indivíduos que detestam até a própria casa, o desconforto da sua modestia, ou a estreiteza do quarto ou a imperitência da mulher ou as evaporações agonizantes do saguão — mas que só vivem felizes nos cafés. Todos os indivíduos tem dois lares: o propriamente dito e o Café. Se o Café chega a ser o lar único dos que não tem casa...

Nem o *cercle*, nem a sala, nem o jardim, nem o vai-vem dos *trotoirs* masculinos (*pas de double sens*) oferecem o acolhimento, a fofidão, o ambiente amigável e simpático do Café. Cada mesa dum Café — é um *cercle*, uma sala, uma associação de classe, um tablado de conferência, laboratório de grandes ideias e até de grandes dons. Quantas pessoas só conseguem eloquência à mesa do café? Quantos poemas, quantos livros com rótulo para a Eternidade não nasceram num café? Quantos negócios, quantos triunfos, quantos projectos, quantos sonhos, não emergem misteriosamente pelos invisíveis alçapões ocultos no mármore duma mesa de café! E depois do café, tão caluniado, tão difamado, tão ferido de acusações dos que o tomam por covil de ralasões, coio de vagabundos de colarinho, antro de perdição, desencaminhador do trabalho — tem sido o maior divulgador de ideias, a cátedra popular, a universidade de todos... Num café aprende-se sempre — porque em cada mesa de café há sempre quem ensine, quem educe, quem dê lições aproveitadas porque são recebidas no café, mas que seriam esquecidas ou nem sequer escutadas se as administrassemessem noutro qualquer lugar. Desde que se desenvolveu o hábito do café, da «tertulia», da «peña» — tem diminuído o desinteresse pela vida e pelas sciências e pelas artes; a ignorância emagrece e aumenta o gosto pelo saber — pelo saber de todas as coisas, desde pequenas, desde cotidianas, até às fortes, às eternas. O café ensinou a conversar sentado, a pensar, a discutir, a aprender para poder discutir, a estar atento... O café embelezou e magnetizou de interesse os assuntos que antigamente só raros olhavam e queriam conhecer...

Ouve-se dizer com frequência: — Uma das provas evidentes de que Lisboa é uma cidade de mandriões está na quantidade de cafés que possui e no número de pessoas que os apinham a todas as horas.

Quantos equívocos em tão poucas palavras. Primeiro que a maioria das pessoas que enche os cafés não são mandriões; se o fossem não ganhavam, se não ganhassem não podiam gastar — e isto de frequentar os cafés a todas as horas não é uma verba tão insignificante como parece. Além disso essa maioria está trabalhando. Não se meche — mas trabalha. Trabalha planeando trabalho; trabalha discutindo, combinando, preparando trabalho; trabalha bem dispostose para o trabalho, graças ao ambiente do café; trabalha, pelo menos, mais do que os que não estão nem no café, nem nas fábricas, nem nos es-



critérios, porque estão deitados ou porque estão em casa dizendo mal dos que estão no café.

Outro equívoco é o julgarem que Lisboa possui um número de cafés superior ao das outras cidades. É falso. Lisboa dispõe de pouquíssimos cafés, na relatividade da sua população, área e importância. E neste ponto, sim, é que se prova que Lisboa é uma cidade onde se trabalha pouco — porque tem pouquíssimos cafés. Quanto mais activo e produtivo é um povo — maior número de cafés possui. Venham exemplos, números, clarins, que eu só com números, exemplos, provas é que gosto de fazer afirmações... Qual é a cidade mais activa e trabalhadora da Europa? É grande o número e difícil a eleição. Suponhamos: Hamburgo. Hamburgo tem dois milhões de habitantes — e sabem os senhores quantos cafés, só cafés (não falando em bars, cervejarias, etc.) possui? Mil e picos — ou seja um café para mil habitantes. Com bars, cervejarias, etc., esse número cresce a quatro mil — ou seja uma cervejaria, café ou bar para cada 250 habitantes. Em compensação Lisboa, com 600.000 habitantes, possui apenas 50 cafés — ou seja 1 café... por cada 12.000 habitantes... O desnivelamento em campo... de cafés (não em campo de café semeado mas de café-casa, café para beber café) entre Hamburgo e Lisboa, na respectiva proporção, é bem elucidativo. De mil para 12.000; e ao que me conste Hamburgo não é uma cidade de mandriões e está mesmo longe de ser a mais rica neste género de negócio. Paris tem um café por 400 habitantes; Roma um por 600 habitantes; Berlim um por 500 habitantes... Mas se formos a ver Madrid, que é a cidade de Espanha onde menos se trabalha, possui muito menos cafés do que qualquer outra: apenas um café por 5.000 habitantes — quando Barcelona, a heroína do trabalho, dispõe de um café por cada 800 indivíduos. Londres, que é das capitais de trabalho a que talvez menos sente o gosto pela «tertulia» do café, devido possivelmente ao hábito do «cercele», está mesmo assim numa escala superior a nós, visto que conta, por cada 9.000 habitantes, um café e nós estamos em 12.000. O próprio Pôrto possui relativamente mais cafés do que nós: 30 para 250.000 habitantes ou seja um café por cada 8.333 portuenses.

A pesar de Lisboa não estar, em cafés, à altura da sua categoria e importância numérica dos que nela vivem — o lisboeta teve sempre o hábito do café... Esse hábito só há pouco tempo se definiu e se alcançou a si próprio; só se compreendeu e se democratizou depois de várias desorientações. O que era a «tertulia» das farmácias, chefiadas pelo boticário — se não a exteriorização em esboço do hábito do café,

substituindo a negra, a perfumada e excitante bebida e o cálice de cana pelo bicarbonato de soda ou soda com açúcar ou xarope com limão? O que eram os «habitúes» das reuniões à porta dos estancos, os «sentinelas famosos e elegantes» da Havaneza — senão «tertulianos» de café à espera que houvesse cafés dignos d'êles, e substituindo a negra, perfumada e excitante bebida pelos «piropos» e graças célebres com que cocejavam as heroínas do Chiado? O que eram os penitenciários da taberna, perdendo-se, naufragos em alcool — senão futuros «habitúes», modestos e pacatos, dos cafés, «habitúes» de segunda classe, substituindo a negra, perfumada e excitante bebida e o cálice de cana, pelo negro, excitante e não perfumado carrascão e pelo quartilho da rija?

O hábito do café data de séculos... Antes do avô tuberculoso, dos poetas escanzelados, dos génios tuberculosos, dos boémios da aristocracia amariavada, das primeiras conjuras liberais e do ódio de Pina Manique; antes do «Marrões» e do «Nicolas», onde há 50 anos o «Maia» do Eça e muitos Maia da época «escreviam» as cartas às meninas e às baillarinas de S. Carlos, onde, há um século, se compunham sátiras geniais, se emborcavam copos de genebra e se comiam bifes «signés» — havia as pousadas, as

lojas das hospedarias, o Tagnini de Belém onde frades e boleiros, estúrdios e aventureiros gozavam, à luz do azeite e entre canecas de barro envidraçado, espumando vinho, o ameno e talvez então menos suave prazer do café.

O café não é só uma instituição social; é uma necessidade, um prazer inocente e uma tradição — em Portugal e em todos os países.

Uma tradição.

Se outros motivos não existissem para legalizar o café, para o impôr ao respeito dos que não teem paladar espiritual ao sabor do encantamento inocente, quasi extático, quasi sempre útil e sempre suave da vida de família dos cafés (de família disse e dela não retiro os desconhecidos da mesa ao lado) havia a sua tradição literária, intelectual e artística...

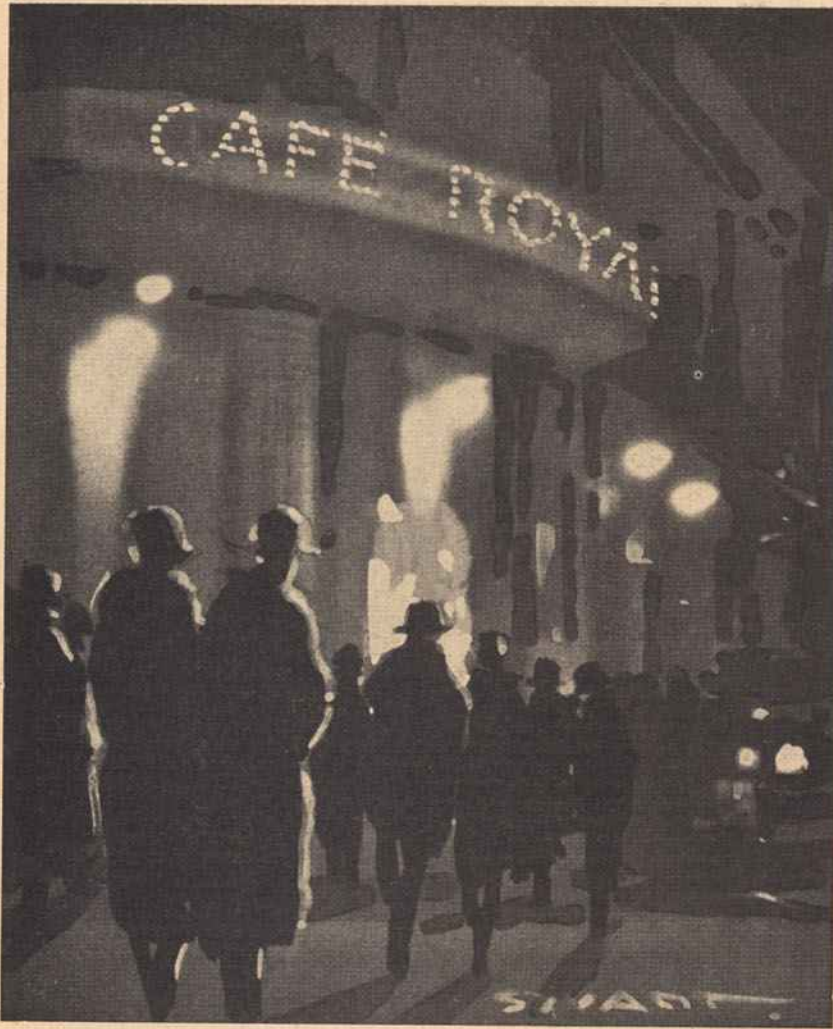
Citei o ultra-popular «Nicolas», biliputeana torre de opaco cristal d'esse símbolo do génio fatalista de Bocage — que anda, há um século, ligado ao improviso...

*...venho do Nicola
e vou para o outro mundo
se disparas a pistola...*

...mas não foi só Bocage a dignificar, entre nós, a vida do café. Temos, no Pôrto, o «Águia de Ouro», onde Camilo feria o mármore das mesas com a ponta aguda do cotovelo, escutando dos da sua «tertulia» peças soltas das tragédias românticas com que depois enxadrezava ou antes acastelava, no silêncio fúnebre dos seus serões de S. Miguel de Seide, os seus romances em cachão de génio. Ainda no Pôrto, temos o «Suisso» — dos tarimbeiros das letras e das gazetas, reuniões em modestas bacanais, geradores de toda a evolução intelectual da sua época. Em Lisboa — o «Martinho», do Fialho, do Eça, do D. João da Câmara, do Gualdino Gomes — cenário quasi exclusivo dos seus entreactos de produção material — nas quantas vezes fornecedores da Eternidade de obras primas que só a memória e a tradição oral editou e que ainda hoje se publicam, em edições de luxo das palestras, nas «tertulias» raquíticas, suas herdeiras... Quando se quer evocar um episódio ou dito dos bastidores daquela geração, escutado não se sabe a quem, não é preciso contorcionar a fantasia para localizar a história... «Uma vez, estava o Fialho no «Martinho» ou então: «O Eça quando se encontrou no «Martinho» com o Ramalho...»

Em Espanha, sobretudo em Madrid, raro é o velho café que não tenha a sua tradição literária ou artística. «El Pombó» por exemplo. Ramon Gomez de Serra, que é um literato de





muito mais valioso talento a criar a vida para viver, do que a criá-la escrevendo, fez de «El Pombos» uma academia anti-acadêmica; uma seita de literatos anti-dogmáticos tendo a ele como dogma-humano; uma arte contra todos os mestres, sendo ele o mestre dessa arte. Todos os sábados reúne os seus íntimos em redor da sua mesa; todos os sábados entram na «tertulia» novos futuros «habitués», vindos de todas as nacionalidades do talento, de todos os géneros de Madrid, de todos os estilos do mundo. Entram, dizem ao presidente se são romancistas ou pintores, músicos ou poetas; Ramon apresenta-o, faz-se o julgamento, nomeando-se, entre os presentes, o defensor, o delegado do Ministério Público, o júri, o escrivão, redige-se a sentença — o neófito fica estigmatizado. Todos os anos Ramon publica «El libro del Pombos», uma Bíblia de 500 páginas ilustradíssima, onde se registam e comentam, com uma sem-cerimônia e uma franqueza pasmosas, todos quantos passaram pela «tertulia», todos os ditos, todos os episódios, todas as cenas, todas as ideias, todos os projectos, todos os disparates, todos os desabafos... Dê-se-lhe o apódo que quiser, a verdade é que é pitoresco, vivo, bem da nossa época — mesmo nalguns pontos da sua inferioridade. Mas só num café se poderia conseguir esta perfeição do Disparate. Mas o que salienta «El Pombos», o que o simboliza intimamente, como café, não é Ramon, que apenas teve o talento de o eleger; é a sua tradição, a conservação, conservadora-futurista do seu cenário, adaptado ao século XXI, sem adular um detalhe do seu aspecto inicial de 1800. «El Pombos» tem a tradição artística de ser o café desse génio da pintura, de tão grande poderio no milagre dos seus olhos criadores do já criado — que surdo era: Goya. Goya todas as noites, depois de um dia de trabalho e de amor, no seu atelier, onde as mais esquivas e formosas mu-

lheres da aristocracia e da corte se despiam para o pintor e para o homem, para a tela máxima da «Maja Desnuda» e para o seu coração-harem; depois de percorrer, fechado no seu recolhimento abstracto de mão, as congostas labirínticas, «saladas» e berrantes como pandeiras do seu bairro predilecto — «Lavapiés» — ia abancar em «El Pombos», cercado de amigos, de fascinados do seu génio, de discípulos, mendigos de uma esmola do seu segredo e espreitado, através dos vidros, pelos curiosos fanáticos do povo, agrupados na rua, frente às portas do café, vendo nele o mago que os dignificava e lançava ao mundo os seus heroísmos, o seu sangue, a sua arte, as suas paixões, através dos seus quadros de maravilha... Há ainda a «Posada del Segoviano», onde uma vez almocei com a «tertulia» do «Gato Negro», amostra de valor declarado do velho Madrid boêmio, aristocrático e intelectual, esburacado de pátios onde acampam hóspedes enjaulados, feras dos circo errantes e seus donos. A «Posada del Segoviano» era o café de Larra, o misterioso suicida, o «Figaro» iniciador do jornalismo literário; do Galdós, na sua mocidade, e de tantos outros escritores, poetas, artistas...

É em Paris? O café de Montmartre, de Verlaine; o café do «Quartier Latin» onde Baudelaire, esverdeado e trágico, se enchia de absinto, se picava com alcaloides e compunha a inquisição dos seus versos sublimes... É o «Petit Duc» de Offenbach? É o «L'Anec Caché» de Vigny? É o «Tête de Boeuf», em Montparnasse, de Alfred Musset? É o «Cardinal», onde Gambetta notabilizou os talentos de revolta ininterrupta da sua eloquência?

Conheci há tempos um inglês onde o espírito latino e o maquiavelismo espontâneo e profundo da alma eslava escondiam a sonolência nata e egoísta do saxão — que depois de muito viajar

me disse: — Quando entro numa cidade pela primeira vez, passo imediata revista aos cafés... Entro, mergulho no ambiente, observo a clientela, examino-me a mim próprio à saída como um doente a ver se a droga que tomou produziu efeito... Se não me sinto bem, naquele mesmo dia tomo o comboio e mudo de terra... E comentava: — «Isto de cafés é muito mais sério do que muita gente julga... Descrever os cafés que tem tal cidade — e te direi as manhas de que essa mesma cidade é dotada...»

Paris, sendo uma das cidades que maior número de cafés oferece (qual é a rua parisiense, qual é o quarteirão de qualquer artéria da cidade da luz que não tem um café?) 7.500, pelo menos, segundo li outro dia numa estatística — é uma das mais monótonas em estilo e aspecto. Seja em Montmartre da estúrdia, a luz inquieta e alada do «Moulin Rouge», seja na estúrdia juvenil do «Quartier Latin», seja em Montparnasse dos pintores, seja na «Étoile» da nova aristocracia cosmopolita, seja em St. Germain da velha aristocracia francesa, seja em Villiers, coio dos apaches dos romances de Pierre Souvestre, seja em Luxemburgo dos endinheirados — o tipo predominante do café é o mesmo, horrivelmente igual, sem um detalhe que os distinga, filhos gémeos de um pai sem gosto e dum ventre brutal que lançava ao mundo os cafés sem a menor pretensão. A grande maioria dos cafés de Paris parece feita em «séries», como os «Fords»: as mesmas mesas redondas com os três pés assírios-bérra; o mesmo *comptoir*, o mesmo estendal de garrafaria, o mesmo tóldo listrado, o mesmo reclame do «Benedictines», o mesmo guarda-vento com a palavra «Billard» pintada nas orbitas de cristal, os mesmos copos para o café, o mesmo cesto para os *croissants*, a mesma dama de cuja gigantesca, o mesmo *patron* pançudo e braços nus e peludos, o mesmo criado com o avental posto como uma saia, o mesmo cabelo louro com um caracol para a testa; o mesmo «bonjour, messieurs-dames»; o mesmo «Bonsoir et merci», o mesmo sorriso, a mesma sensaboria. Dos 7.500 — 7.000, pelo menos, são assim em todos os bairros, em todas as ruas, em todos os quarteirões...

Já se vê que há também os que recompensam esta maçada. Era o que faltava que Paris não os tivesse até ao luxo oriental, até à excentricidade. O «Café Riche» — distinto à «velha maneira», excesso de espelho, excesso de *Grasset*; o «Arabe», de Montmartre, Place Blanche; o «Cruzot» — com o capricho duma iluminação violeta que ao mesmo tempo nos estontece e nos morfina... Contudo — Berlim pode orgulhar-se de suplantarem a riqueza, em luxo, em originalidade os de Paris — porque, mesmo em originalidade compete com a afamada capital-torpedo em arte, gosto e barulho... Se Paris tem «Chez Olympe» — o café pitoresco de efêbos de todas as idades, lábios carminados, *rouge* nas faces e olheiras postigas; e «Café-Debords», próximo de Sacré Cœur — café ultra-feminista, de todo o género de sufragismo, de clientela de damas de *tailleurs*, colarinho, bengala e monóculo, onde os homens são acolhidos com descerimoniosos trejeitos de impaciência, quasi de hostilidade — Berlim que semelhante a este oferece à curiosidade nacional e estrangeira e em número maior e de mais marcadas características — dispõe também do «Kagado», de desequilibrado e fantástico capricho decorativo; o «Neiners», em Kant Strasse, onde se reúnem, em alegres «tertulias», dezenas de corcundas e anões e liliputeanos sem aleijões, quasi todos pertencentes a uma classe endinheirada, comicamente elegantes, felizes pela liberdade que gozam ali, onde ninguém repara com estranheza cruel a sua infelicidade física, porque todos compartilham dela, até o patrião, até os criados... Entrei uma vez, no «Neiners», acompanhado dum pintor índio, que viera de Goa a Berlim sem passar por Lisboa e que mal falava o português. Ciceirono erndito de todos os segredos berlinenses pilotou-me até lá seguro, e com justiça, de que ia regalar-me uma emoção... A minha chegada não foi motivo de júbilo para a clientela do «Neiners»... Nestes cafés... especializados, como «Neiners», como «Chez Olympe» e «Café Debords», de Paris, como o já liquidado «Au Port Saïd», de Anvers, ultra-chic café de freguesia limitada aos «escrocs», ratoneiros e a todos os «rapiness» do norte da Europa em refúgio na Bélgica; como o «Trans-Atlantique» de Marselha, escola secreta das mais científicas batotas para *croupiers* em férias de Monte Carlo, S. Sebastian,

Deauville, etc. — não agrada a invasão de estrangeiros, de «amarelos» do seu «metiers» ou da sua inutilidade... Olham-nos como a «desmancha-prateres», a perturbadores da ordem do seu bem estar e do seu «votandes»...

No «Neiner» a frieza do ambiente foi marcada pelo meu barómetro visual — logo no vestíbulo, quando eu, longe de visionar o ineditismo do espectáculo que me estava reservado, me sorri distraidamente para o porteiro — um negro de um metro incompleto e cómicas atitudes de *boxeur* (um Johnson em miniatura) e para a empregada do vestiário, uma marrequinha de olhos quasi maiores do que ela e que, para tirar o chapéu, teve de pôr-se nos bicos dos pés. Nenhum dos dois achou graça à graça que eu lhes achava, tomando-os como duas excepções naquele café que eu supunha... normal.

A sala do café está feita à medida proporcional dos clientes. O tecto acamava-me quasi os cabelos — e eu, aqui entre nós, para liliputeano não me sobeja muita altura. Mas, apesar da pequenez da pequena sala, havia pretensões, justificadas, a sumptuosidade. As paredes forradas a seda adamascada; o chão fofamente tapetado com passadeiras azuis em zig-zag; o tecto apainelado; os móveis modernos; mesas baixíssimas sustentadas por tubos irregulares e *mapples* de couro — mas tão pouco altos que pareciam tamborettes. Mesas e assentos para crianças, ou para japoneses europeizados que não quisessem perder em absoluto o hábito de cruzarem as pernas sobre as esteiras.

A pequena sala estava pouco frequentada — e nela ficamos por conselho do meu guia da *cook-la-amisade* porque, disse-me, dali podíamos ver sem ser vistos. Enfileiravam-se mais quatro salas, de igual medida e decoração. Ao todo, espalhados pelas quatro salas — estavam uns oitenta a noventa fregueses. De tamanho natural só uma mulher, lá ao fundo, acompanhando um corcunda e para a qual os da... especialidade da casa olhavam com certo tom de superioridade, como se fosse ela e não eles a estropeada pela Natureza, a defeituosa, a aleijada...

Abundavam os liliputeanos — curiosos séres, homens-cianças; crianças-homens, tão dignos de respeito como eu ou tu, leitor, com uma mentalidade, uma moral e um carácter iguais aos nossos, mas com quem apetece brincar, como com petizes em fregolismos carnavalescos... Bastantes corcundas... Dois anões ou seja liliputeanos sem a sua proporção perfeita; corcundas sem corcunda. Mas de um modo geral tudo trajando com chiquismo; colarinhos de bico, gravatas de bom gosto ou laços ingleses; lunetas e óculos de aro de tartaruga; um monóculo, muitas joias; cabeças bem penteadas e untadas; unhas com *manucure* à vista, pés calçados com elegância e despesa. O que sobretudo me tornava o «Neiner» agradável era o espectáculo da alegria, da ventura, da despreocupação dos seus clientes. Um aleijado, um estigmatizado pela Natureza, por muito filósofo que seja, ou se torna ruim, velho, não perdendo um pretexto de pregar partida, de inutilizar os planos de vitórias dos outros, mesmo que esses outros lhe deem o pão ou se deem uma alma que resista à revolta íntima — são tristes, vivem sob a ameaça constante do olhar que se fixa cruelmente na sua pessoa, o que os obriga a fugirem de toda a convivência... Ali, no «Neiner», conviviam, faziam a sua hora de café, palestravam, discutiam, viviam — *viviam!* — longe dessa ameaça... Se todos eram iguais a todos... A nota culminante dessa noite que nunca mais esqueci — foi a dos *papillons*... Sim, senhor! O «Neiner» tem *papillons* — tinha-os, pelo menos, em 1905 — mas *papillons* liliputeanos — lindas bonecas para trazer para uma sala e colocar sobre o piano... E andavam de mesa em mesa; riam, cumpriam a sua missão pagá — tal e qual como as outras, as de tamanho natural e talvez com mais sinceridade e com mais alma e mais pureza...

Seria um nunca acabar, um «Larousses» completo — se eu quisesse fazer a lista completa dos cafés excêntricos, dos cafés impares... Recordarei alguns... O «Panorama» de Leipzig, uma espécie de circo, todo de cristal, abrigando em redor das suas duzentas ou trezentas longas mesas mais de três mil clientes. No inverno, uma vasta *chauffage* amornia-o até transformá-lo numa estufa. Quatro orquestras. Cá fora a neve, toda a animação nocturna da cidade, tão perto

e tão visível aos olhos dos *habitués*, através das paredes de cristal, como se estivessem na rua e a neve, por milagre, tivesse sido aquecida em banho-Maria, antes de cair... São famílias inteiras, é todo um bairro que se agrupa ali e ali passa a noite, bebendo, conversando, ouvindo música, lendo os jornais ou os magazines... O «Refeitorium» das Ramblas, em Barcelona — subterrâneo de um convento, mas autêntico, dentro da artificialidade da arte do seu arquitecto, sem «bonitos» a desfe-lo e a quebrar o encanto do realismo, enorme, labiríntico, penumbroso — e alegre, apesar de tudo. E o «A la Bonne Santé», meio lúgubre, meio folgazão, café «à sensation», café que parece uma *blague* de romancista? O «A la Bonne Santé» começa a sua estranheza pela ironia amarga do nome. Em frente ergue-se a enorme prisão de Paris — «La Santé» — «A prisão de Saude», como podia ser «Limoceros» ou «Aljube». O café vizinho intitulou-se «A la Bonne Santé» para fazer «calembourgs»... «Bonne» — «boa», como contraste com a outra que é má e muito; e *bonne santé* — «boa saude», como elogio aos seus artigos ou como cumprimento aos seus fregueses. E que fregueses — que variedade e para que dramas andam eles, como personagens de Pirandello, à procura do autor! Que se cinematografe na vossa fantasia o que será a grande prisão de Paris — resaca de toda a cidade, camarim dos seus criminosos, das suas vítimas, dos seus mistérios, de todo o repertório do seu *music-hall*. Que se faça agora o *Gros plan* deste café fronteiriço, espécie de bufete do elenco imenso da prisão. «A la Bonne Santé» não fecha nunca — nem de noite nem de dia. Logo de manhã veem os guardas, todo o pessoal da cadeia. Depois as famílias dos presos, os amigos, os advogados, os procuradores, os ratos da justiça; os detectives; os que planeiam uma evasão do chefe por que veem receber ordens, escutar conselhos, receber projectos gizados sob ferros. Quantos crimes, quantas proezas, quantos assaltos, «escroqueries», falsificações, tragédias não foram combinadas, cochichadas naquele café? E quantas scenas dolorosas, mães que choram o filho que se despenhou do alto da honra, amantes e esposas, a caminho do calvário... Quantas festas sinistras não se deram «A la Bonne Santé» quando os libertos, os que cumpriram a pena saem ladeados pela família, pela quadrilha, e veem ali beber à liberdade — mas já a engendram planos para a perderem de novo?... Quantas vezes os clientes matutinos não virão sair o carro celular 13, empalidecendo — porque o carro 13 é o que conduz os condenados à morte, à guilhotina?...

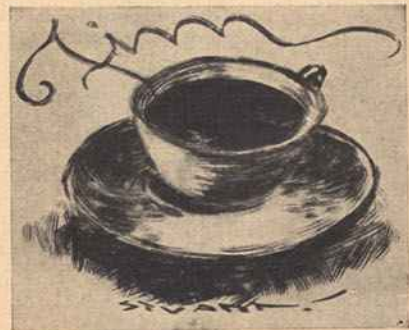
Querem café mais original e estranho do que este? Pois bem: «A la Bonne Santé» tem os seus *habitués*, *habitués* burgueses, *habitués* honrados, *habitués* virgens de contas com a justiça, que depois do jantar vão tomar o seu café, passar a meia hora de suave e amena alegria com a sua «tertulia»...

Lisboa não tem cafés excêntricos. Com duas ou três excepções: «A Brasileira» do Chiado, o «Chiado» — e não sei qual será a terceira excepção — monotizam-se num servilismo decorativo que afflige. A sua nota curiosa, característica, é a divisão bem marcante do público, o ar de seita das clientelas, as fronteiras espontaneamente estabelecidas... A «Brasileira» do Chiado — é nossa. Digo nossa porque desde a sua inauguração pertence aos jornalistas, aos literatos, comediógrafos, pintores, escultores, músicos. E esta clientela ditatorial que parece, por vezes, governar a casa, atraía uma outra: a dos amigos dos escritores e artistas, a dos «ases» intellectuais dos sintomas não intellectuais, os «dilettanti», os que compram livros, os que frequentam redacções, os que vão às *premières* e às exposições. Os amadores e os entendidos. A outra «Brasileira» — é já um pleonasmo dizer: é dos politicos, dos avançados em vanguardismos, dos democráticos. O «Chave de Ouro» dos comerciantes comodistas e dos empregados de comércio; o «La Gare» de gente que está sempre com pressa, que acaba de chegar ou que vai partir. «Um bife e dois ovos... Mas depressa que não quero perder o comboio.» O «Suisso» — dos aviadores e dos toureiros. O «Martinho» dum dandismo especial e dos homens intellectuais que não querem misturas com os outros, os que fazem da arte profissão, porque não tem madrinhas ricas a que desculpem-se, com um livro de versos, único, dez anos de ausência às

aulas e outros tantos de qualquer outro trabalho. A «Chica» — é dos artistas de teatro, dos empresários, dos contra-regras, dos contratadores, dos scenógrafos, dos pontos, dos bilheteiros, dos que tem uma peça a julgar e dos «coyós». A «Chica» é quasi uma associação de classe. Que passassem o sindicato para lá e veriam dilatar-se e fortalecer o espirito associativo. Há sempre um que pontifica (é o que — consta! — vai organizar companhia): A sua volta artistas e ratos de teatro desempregados, tradutores de peças e amantes de coristas com pretensões a estrêla, adulam-no, estoiram gargalhadas à menor sensaboria que o outro diga com ar de quem teve graça, tiram-lhe um cabelo que caiu no colete, interessam-se pela saúde da *patrão* e querem saber se ele tem ido ao médico tratar-se... Há sempre um que come espectacularmente um bife — e outros que o olham com inveja. Há sempre um pretendente a *dramatissimo*, guedelhudo e unhas roídas, que a um canto gatafunha a lápis, pálido e trémulo, uma scena que chegou naquele mesmo instante à *gare* da inventiva e noutro canto um *coristolmano* — chapéu atirado para a nuca, um alfinete com uma pedra rebrilhante, um cachucho no dedo, umas botas de cano de camurça — que escreve, em papel azul, uma carta de amor à L... do Maria Vitória ou à D... do Variedades... A «Chica» não fecha nunca. Creio mesmo que não tem portas. Animada todo o dia, atinge o «não há bilhetes na casa» depois dos espectáculos terminados. Essa animação decrece um pouco a meio da madrugada para logo se avivar de novo com a saída dos «cabarets»... Ao clarear do dia — há meia hora de tragédia silenciosa e discreta... Ficam, despertos, quatro ou cinco rapazes. Há vinte e quatro horas que se alimentam de cafés que lhes pagam. São os boémios em decadência ou os que precocemente fracassaram... Não se afastam da «Chica» porque a «Chica» é a recordação dos bons dias, é a reunião dos amigos para os cafés alimentícios... Riram, representaram, fingiram-se alegres... Agora, a sós, desfilavam a máscara... Estão mortos de sono... Escabeceiam com o queixo apoiado numa das mãos e o cotovelo vincado na mesa... Pregões dos jornais... O sol vai alastrando pela porta dentro... É preciso reagir... O sol dá um pouco de ilusão de conforto aquecendo os corpos esfriados pela nortada. O sol inocula-lhes a ilusão da energia... Um minuto de esperança... Traz naquele dia que está nascendo consigam o seu problema... Um emprêgo... Um protector... Um amigo que lhes empreste dinheiro para duas refeições, tabaco e dormida... Talvez... Veem então as pretensões cruelmente ridículas... Lavam a cara, as escondidas, no lavatório. Alizam a grenha com um pente partido que trazem no bolso. Pedem uma escova ao moço das sentinas para lustrar as botas gretadas e saltos cambados... Esticam as calças... Viram os punhos da camisa, ocultando a sujidade de dias... Remiram-se ao espelho... O sol dá-lhes a ilusão que disfarçaram a miséria... Um adeus ao criado: «Até logo... Vou para o trabalho...»

Mas quantas vezes aquele assomo de energia e aquela carícia da Esperança não se esgotam aos primeiros passos, abafados pela fraqueza resultante da alimentação líquida e pela falta dum leite... Quantas vezes saem dum café para entrarem noutro café e escabecearem o sono insatisfeito até que surja um amigo que lhes pague uma torrada.

Os cafés também tem a sua martiriologia, os seus sacrificados, os seus vencidos — ao lado das vitórias, dos que sem sair dos cafés, trepam ao poleiro da Glória.



PROBLEMAS SOCIAIS

PORQUE RESOLVI NÃO LEGAR DINHEIRO A MEUS FILHOS

Não tenciono deixar a meus filhos nem cinco réis partidos ao meio. Sei que isto soará a princípio aos ouvidos de toda a gente como uma afirmação brutalíssima. Não faltará quem fale em falta de amor pelos filhos e diga que a minha resolução vai colidir com as velhas ideias da paternidade...

Mas, muito pelo contrário, nunca eu pensei tanto no bem estar dos meus filhos: nunca eu olhei tão carinhosamente pelo seu futuro. Preocupo-me com isso muito mais do que os meus amigos e conhecidos, os quais se deram a todos os trabalhos dêste mundo para legar à sua descendência largas somas de dinheiro.

Não me agrada fazer tal e por um motivo muito simples: é que sempre se fez assim. O comércio moderno usa proceder dêste modo mas está longe da minha psicologia. Por mim não herdei nem cinco réis e sinto-me orgulhoso disso, porque tudo quanto uma análise aturada — como eu sempre a realizei durante a minha carreira de engenheiro — tudo quanto uma análise aturada lhe trouxe como resultado definitivo é que a coisa mais importante e tremenda de que é preciso dotar os nossos filhos é o carácter, o qual é destruído ou inutilizado quasi sempre pelo dinheiro. Daqui resulta que tanto a minha razão como a experiência me levam a acreditar ser coisa sumamente perigosa herdar dinheiro: êste, jámais aumentou a abundância de carácter e, até, se me dão licença, contribuiu para diminuir o seu número. Quantas vezes me penalizou o constatar que terrível efeito produzia na mocidade o dinheiro que ela havia herdado!

Tive um irmão que constantemente dizia a meu alquebrado pai, quando éramos pequenos: Papá: porque é que se não den ao trabalho de ajuntar dinheiro que me deixasse, de modo a eu um dia poder ter o necessário para o meu negócio? Meu irmão dizia isto um pouco em tom de graça, mas a verdade é que também não faltava nas suas palavras uma tal ou qual seriedade. Meu pai — com nove filhos para sustentar, vestir e educar — calava-se ao ouvir estas chufas porque o eram e bem pouco razoáveis. A sua alma antiga, sem dúvida, o levaria a considerar tristemente a sua incapacidade para pôr de parte uns dez mil dollars, ou mais, para legar a cada um de nós. E morreu... Não me pude impedir de censurar ásperamente meu irmão tôdas as vezes que o ouvia dizer aquilo que acima deixo citado, e isto porque bem via como meu pobre pai se sacrificava para nos dar a educação que hoje temos.

E desde então fixou-se no meu cérebro uma pergunta: «Porque motivo é que os pais se deverão esforçar por legar dinheiro a seus filhos?» Se os nossos bisavós, avós e pais assim houvessem feito nenhum de nós hoje trabalharia: cada um de nós viveria regaladamente na mais completa madracice. Os nossos caracteres seriam, portanto, indolentes e, é claro, sem utilidade nenhuma a nossa existência.

A verdade, a grande verdade, é que nós temos a obrigação de viver do nosso trabalho: aquilo que deveremos herdar dos nossos pais é a sciência, a educação, a cultura. Mas nós persistentemente anseamos por que eles nos deixem uma copiosa herança e o facto é que os pobres pais se matam para isso com trabalho na louca persuasão de que só assim poderão expressar bem o amor que sentem por nós.

A última lição que a tal respeito recebi, veio de meu tio Carlos. Conseguira ajuntar uma pingue fortuna — uma fortuna como era costume ajuntar aqui há quarenta anos. Foi êsse dinheiro herdado depois pelos seus dois filhos. Ah! quanto eu invejei êsses meus primos! Mas, pouco tempo durou essa inveja. Os dois filhos de meu tio Carlos bem depressa começaram questionando sobre a própria sepultura do pai. Haviam sido educados um pouco descuidadamente e ambos queriam para si o negócio que pertencera a seu pai. Nenhum dêles, em verdade, era capaz de arcar com semelhante tarefa mas a vaidade assopava-os e ambos se julgavam com absoluta queda para o negócio. Recorreram, pois, para os tribunais e o caso dege-

nerou num julgamento de Salomão tomado à letra, isto é: abrindo ao meio um inocente... O tribunal ordenou que o estabelecimento de meu tio, incorporado no total da herança, fôsse igualmente dividido. Mas — era fatal! — nem assim ficaram satisfeitos e continuaram questionando acerca de primazias, cada um dêles querendo para si a acção principal. O resultado de tudo foi o negócio ir por água abaixo e nenhum dêles tirar o menor proveito das questões em que se haviam envolvido.

Já mesmo nos seus tempos de colégio se via perfeitamente que, só o saberem que lhes estava destinado o herdarem uma grande fortuna, exercia sobre eles um efeito desgraçado. Semelhante certeza actuava sobre os seus caracteres debilitando-os: a convicção que temos de não herdar coisa alguma, isso sim, isso serve de estimulante para a fúria ambição. Para meus primos, porém, não existia semelhante ambição, não faziam planos sérios nem exercitavam no bem as suas actividades. O negócio era para eles coisa de somenos: o que queriam é que fôsse conhecido de toda a gente aquilo que possuíam, até mesmo de quantas raparigas encontravam. Era uma maneira de atrair as atenções das mulheres as quais, aliás, se os não soubessem ricos, nenhuma atenção ligariam a êsse negócio!

Tenho actualmente três filhos: logo que eles atingiram os dez anos, fui gradualmente instruindo o seu espirito da convicção de que não tencionava amealhar cinco réis para lhes deixar. Verdade seja que não tenho lá muito dinheiro para lhes legar... Mas logo os fui avisando de que tudo quanto possuo será empregado em difundir as minhas ideias, visto que estou interessado em certas propagandas filantrópicas. O que tenho será gasto, é claro, tanto quanto seja necessário, para desenvolver nos meus filhos o seu talento, a sua habilidade e o seu carácter. Mas já os fui avisando çbamente de que, quando eu morrer, os deixarei apetrechados com uma carreira útil e uma pequenina participação na companhia em que trabalho — mas só isso e nada mais.

Divirtio-me às vezes com o engano em que laboram certos pais de que têm uma obrigação para com a sua família, isto é: ir amontoando riquezas sobre a abundância que já possuem... Ainda não há muito tempo ir abertamente na cara dum amigo meu que havia trocado um importante emprego público que exercia por um outro aonde ia receber pingues ordenados. Dava êle como desculpa que assim era preciso por causa da família. Precisava — dizia êle — dum ordenado maior, muito embora eu estivesse farto de saber que o filho único que tinha já possuía dinheiro mais do que suficiente para si. Actualmente é a esposa dêsse rapaz que está tratando da volta dêle aos negócios por vêr que tudo está quasi gasto. Êsse moço conhecera a esposa em tempos áureos: haviam tido ambos uma vida deliciosa em Washington e a esposa estava lá muito bem relacionada. Vaeu-lhes isso muito mais do que as notas de Banco que ambos haviam recebido...

Não há maneira de perceber, pela parte que me toca, a cegueira em que vejo certos indivíduos. Sabem muito bem, por experiência própria, que a força de vontade e de carácter na vida é quanto de melhor se pode herdar: não obstante, teimam em amontoar dinheiro que irão deixar a uma criança de fraco temperamento. O resultado será o herdeiro encontrar-se bem cedo privado do seu património, uma vez que só isso lhe legaram os pais. Porque a verdade é esta: os homens não se fazem pelo método das heranças pecuniárias!

Conheço, é certo, muitos indivíduos opulentos cujos filhos são fortes de carácter e outros que fizeram um uso magnífico do dinheiro que lhes foi legado pelos pais. Mas isso são excepções que só provam a regra geral. Se quisermos conservar o carácter americano ao seu nível tradicional, na sua verdadeira e histórica maneira de ser, necessário será que todos nós nos deixemos da mania de amearhar dinheiro para os filhos. É a taxa que recalça sobre as heranças, as propostas de reversão de riquezas para o Esta-

do, a crescente popularidade que gosa entre os indivíduos opulentos a ideia de deixar uma parte das suas riquezas para obras de pública utilidade, tudo isso mostra que os homens se vão preocupando com este problema.

Certa ocasião em que estava falando a este respeito com um amigo meu, perguntou-me êle: «Mas, nêsse caso, para que nos havemos nós de matar a trabalhar, se o não fazemos para deixar dinheiro a nossos filhos?»

— É seu dever e meu — respondi — trabalhar o máximo possível, aconteça o que acontecer. Nosso dinheiro depois da nossa morte. É um loucura o pensarmos que só o devermos fazer por causa das nossas famílias. Há muita e muita mulher rica que dirá com toda a franqueza a seu marido, bem melhor lhe ter sido casar com um pobre empregado de escritório do que com um milionário cheio de aflições, ausências continuadas e mil e uma occupaões que lhe derramam o sistema nervoso!

Meu filho houve tempo em que discordava do meu modo de pensar, e via até de muito mais sombra os meus propósitos. Chegou mesmo a dizer-me: «Se o pai me não quere deixar o seu dinheiro, a mim que sou seu filho, então porque o não deixa ficar a uma instituição qualquer?»

— A felicidade tem de ser ganha por nós, conforme manda o velho provérbio persa. Do contrário, não terá o sabor da felicidade mas outro muito diferente. Não te posso dar a felicidade, embora o deseje muito. Se tu pudesses legar, legava. Mas o dinheiro é que será impotente para tu conseguir: o dinheiro tem uma tendência diabólica para nos conseguir o contrário da felicidade... O dinheiro é um símbolo na troca de mercadorias e a posse destas é uma triste aparência de felicidade. Só a satisfação interior é autêntico prazer: o resto nada vale.

Tempos depois, meu filho foi visitar um seu antigo companheiro de estudos e encontrou-se com o pai dêste, um indivíduo muito rico e pedroso que tratava o filho com os cuidados que dispensava às suas propriedades, imbuído da certeza de que, se quisesse receber a herança paterna, deveria fazer precisamente aquilo que o pai determinava com todos os pormenores. E conservava, pois, o rapaz numa atmosfera de molenguiça, de fraqueza, de lassidão, à espera da herança. E assim foi procedendo até que o moço completou os seus dezasseis anos. Por essa ocasião ainda êle tinha sobre si a expectativa da herança monetária, o que só lhe proporcionava ocasiões de mostrar altivez e arrogância.

Meu filho — a quem eu dera sempre a liberdade de discordar das minhas opiniões, de confiar nos seus juízos e modos de ver — voltou da sua visita totalmente convertido.

— Meu pai — disse-me êle com veemência — se eu estivesse nos casos do Jack, diria ao velho que mandasse bugiar todo o seu dinheiro: mas um só momento eu me prestaria a aturar o que está aturando o Jack. Se o tal sistema da herança é o que eu vi, legue-me outra coisa: quero viver por mim próprio e mandar para o dia de tudo quanto assim não seja e todos quantos assim nãoensem!

— Toca nestes ossos, rapaz! — repliquei-lhe eu, apertando-lhe as mãos. Assim é que é falar. Não precisarás do meu dinheiro para nada se tiveres real confiança nos teus próprios recursos e na tua boa vontade. Desde que não possuas essa confiança e essa boa vontade, o meu dinheiro só servirá para te corromper. Se quiseses entrar num negócio qualquer e precisares de capital, se esse negócio é orientado por saos e activos princípios de trabalho, claro está que poderás servir-te do dinheiro de teu pai, que está às tuas ordens. Mas isso apenas por um princípio comercial, não por sentimento de dever paterno. É possível que o Banco esteja tão impaciente como eu por emprestar dinheiro. Ora, desde que tu sigas os conselhos que te dá a minha experiência, antes queresas pedir emprestado ao Banco do que a teu pai, porque assim mais confiarás em ti próprio e mais eficientemente aprenderás a disciplinar a tua vontade.

— Vejo perfeitamente a razão que lhe assistiu meu pai! Tem razão, tem razão!...

É senti muito maior satisfação em ver o meu filho adquirir assim a vontade firme de lutar e vencer por si próprio na vida, do que tem em lhe deixar muito dinheiro — se o tivesse!

H. G. WILLIAMS HOWELL

(Anglo-American N. S. Copyright)



«E concluo dizendo que, na cidade de Jerez e na própria praça das Angústias, saiu o primeiro toiro, e, tendo-o picado e bandirillado, tocaram para a morte. Armei-me de «muletas», e estando o toiro na porta do touril, ali o passei e citei «recebendo», dando-lhe uma boa estocada de que tardou em morrer. E estando já moribundo, e tendo eu as costas voltadas para o touril, oiço barulho e, ao mesmo tempo, uma voz que dizia: «Foge, foge»; volto a cara e vejo outro toiro que vinha para mim. Naquela altura, como havia eu de fugir? Deliberei matá-lo «recebendo», e agarrei-o tão bem, que morreu mais depressa que o já moribundo. E ambos foram enganchados e arrastados juntos. O segundo toiro estava entre portas para ser enchequeirado, o que foi causa de que saltasse à praça—(Duma carta do toureiro Pedro Romero, 1778, publicada no *Boletim de Loterias e Toros*, em 1866).

«Aconteceu isto em 1866 com motivo das festas de S. João, que naquele ano se celebraram em Tolosa; e na segunda das corridas surgiu o extraordinário incidente, lidando-se o quinto toiro. Apurado o toiro na sorte de varas, tinha chegado à morte sumamente descompôsto. Salvador Sanchez «Frascuelo» entrou a matar várias vezes e o animal foi refugiar-se na querença dum cavalo morto, onde se encastelou, tapando-se e tornando inúteis todos os esforços do «matador» que queria «descabellar» o seu inimigo.

O animal achava-se perto das táboas, frente ao touril e no lado oposto d'este. Quando «Frascuelo» lutava como um desesperado, ouviu-se, de repente, barulho na praça e gritos de terror soltados pelo público. O sexto toiro tinha feito saltar a porta do touril, apresentando-se na praça inesperadamente. «Frascuelo» que, como antes disse, estava de costas para o touril e deitando os hofes pela boca para matar o quinto, voltou-se como um raio ao ouvir o clamor do público, e encontrou-se com o sexto toiro na praça.

O animal tinha saltado por cima da trincheira, que fez em estilhas ao sair. Voltou-se contra ela e, em seguida, deu meia volta, ficando desafiador e com a vista fixa no outro extremo onde se achava Salvador, tratando de «descabellar» o quinto.

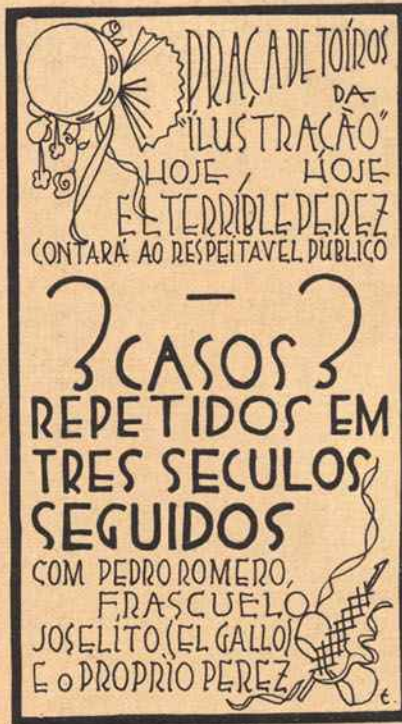
A ansiedade dos espectadores naquele momento foi indescrevível, e o quadro que a praça apresentava era dos mais imponentes que o leitor possa imaginar.

Num extremo do redondel, um cavalo morto e uma rez moribunda; no outro extremo, um montão de madeira e, a poucos passos, um toiro cheio de vida, levantada a cabeça, erguidas as hastas, tremendo de brava, feroz, pedindo luta, nessa atitude, selragem e nobre ao mesmo tempo, que converte um toiro, com galhardia e força, no animal mais formoso da criação.

E entre o moribundo e o vivo, entre a fera que agonizava, e a que acabava de pisar a arena, achava-se um toureiro de vinte e um anos a quem se dirigiram com angústia e ansiedade todos os olhares.

Ali não podia haver vacilação; ali não era possível duvidar; era preciso resolver o problema imediatamente; era preciso terminar duma maneira ou doutra aquela imensa emoção que comprimia todos os peitos. Durante mais de vinte anos, vi nas praças de toiros muitos lances dramáticos, mas nenhum como este que relato, nenhum que levasse a maior tensão a sensibilidade do espectador.

«Frascuelo» não teve nem um segundo de indecisão. Logo que viu o sexto toiro, diri-



giu-se resolutamente para o meio da praça, e ali, com temeridade incrível, agitou a «muleta» repetidas vezes.

O animal, como aturdido por aquele desafio inverosímil, duvidou um momento, mas num instante, partiu como um raio para onde estava «Frascuelo».

O espantoso grito que se ouviu então na praça, foi ainda maior que o soltado quando o toiro apareceu na praça. «Frascuelo» esperou-o a pé firme; deixou-o chegar à jurisdição; marcou-lhe a saída como se marca nas bandirilhas ao «quebro»; emendou com velocidade assombrosa o terreno, ao carregar a sorte, e meteu e tirou instantaneamente o estoque.

A velocidade adquirida pelo toiro tornou a sua morte tão repentina, que meter «Frascuelo» o estoque e levantar o toiro as patas e cair aos pés do seu matador, foi obra dum segundo.

Uma aclamação de assombro e o eco de milhares de aplausos feriram os ares.

Frascuelo, sereno, viu cair o sexto toiro e dirigiu-se tranquilamente a acabar o quinto, o que conseguiu pouco tempo depois.

Caiu a rez, e o matador viu-se rodeado da multidão que o levantou no ar e conduziu em ombros até ao hotel.—(Contado por Peña y Goñi no seu livro *Lagartijo y Frascuelo y su tiempo*, 1887).

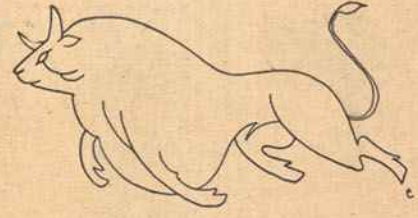
O terceiro d'estes episódios, que se deram os três com um século de distância dum a outro, aconteceu em Outubro de 1919 encontrando-se em Portugal Joselito Gomez «El Gallito» que pela última vez aqui havia de vir pois que encontrou a morte em Talavera no dia 16 de Maio do ano seguinte.

Dois dias passou quem estas linhas escreve com o grande toureiro na herdade da «Amieira», propriedade do «ganadero» José Martinho Alves do Rio que então começava a sua crusa de casta espanhola cujas primícias se iam «tentar».

Na manhã do segundo dia e estando nós com «Joselito» vendo as bezerras já encerradas, disse-nos o grande toureiro:

—«Esa tan chiquilla vás tu torearla conmigo.»

Opusemos nossas desculpas e mais não pensámos na proposta até que a referida be-



zerra saiu para a praça e «Joselito» nos repetiu:

—«Esta es, a ver si te decides!»

Era generosa intenção do bondoso toureiro, que já anteriormente nos dera provas de simpatia ao descer do seu cavalo para melhor arranjar a cabeçada do nosso, dar uma lição aos «amigos» que antes haviam tentado conosco clássicas «partidas» a que êle se não somara.

Não se nos ocultou a intenção daquele que nós mais admirámos e admiramos de entre todos os toureiros, mas por sabê-lo bom e pretender a sua bondosa protecção para um outro toureiro a quem êle, em vésperas de partir para a América, ali podia ser útil, dissemos-lhe:

—Estoy dispuesto a torrear se me prometes hacer por «Alé» todo lo que puedas.

Ficou «Joselito» maravilhado da nossa intenção e decisão—como depois confessou a muitos «aficionados» que isto viram, e respondeu-nos afirmativamente, pelo que imediatamente descemos à praça e citámos com o «capote» a bezerra que, providencialmente, não invetiui.

Convidou-nos «Joselito» a tourearmos com êle «al alimon» e, agarrando ambos o mesmo capote pelas respectivas extremidades, fizemos—fêz êle!—com que a bezerra passasse entre nós várias vezes, após o que ela ficou elegante e entontecida e nós nos ajoelhámos os dois, lançando-lhe êle areia para os olhos e cuspidando-lhe nós—com bem pouca graça!

Foi então, e estando nós de costas para o touril—como Pedro Romero e Salvador Sanchez Frascuelo, dois e um século antes, respectivamente—foi então que do touril saiu uma enorme vaca que os «amigos» soltaram para conosco se divertirem.

O próprio «Joselito» ficou surpreendido ante a aparecida, que tinha largas e finas hastas, e gritou-nos que fugissemos para um «burladero» enquanto êle afastava a vaca.

Como «Frascuelo» também nós não duvidámos um momento quanto ao que havia a fazer, e que foi correr ao «burladero» que «Joselito» nos indicara. Mas, um amigo, a quem Deus perdoe o gesto, impediu-nos a entrada salvadora que nós forçámos com um murro—o murro do homem perdido!

Como «Frascuelo» ainda, vimos-nos rodeados duma multidão que nos levantou no ar e se preparava para nos levar em ombros... até à bezerra, porque a vaca já «Joselito» conseguira encerrar.

Mas o lance estava terminado e nós satisfeitos de ter feito uma boa acção por um toureiro ausente e honradíssimos de ter toureado «al alimon» com o maior dos toureiros ausentes e presentes.

Que tudo isto é verdade podem atestá-lo muitos que viram; e que «Joselito» não esqueceu o meu gesto atesta-o o facto d'êle ter levantado o seu copo por mim no único brinde que fez no banquete que, no dia seguinte, lhe foi oferecido num Club Tauro-máquico.

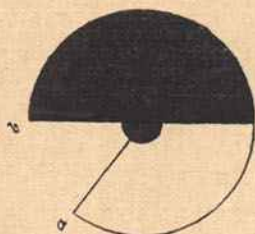
E, na última carta que «Joselito» escreveu para Lisboa, antes de partir para a América e antes de morrer, figurava o meu nome entre aqueles amigos a quem êle recordava e se recomendava.

E nunca, aqui ou em Espanha onde tantas vezes lhe falei, êle me ouviu lisonjas ou a simples confissão da grande simpatia e admiração que lhe votava, tão grande que lhe chorei a morte e ainda hoje me conovo ao contar êste lance de 1919 que evoca, graciosamente, os de Pedro Romero, em 1778, e o de «Frascuelo», em 1866.



Passatempo

ILUSÃO ÓPTICA



Recorte-se o disco, aqui desenhado, e cole-se sobre cartão, recortando também a parte a e b. Enfi-se ao centro um alfinete grosso, até que a cabeça dêle assente no papel. Pegue-se em seguida, no alfinete pela ponta, levantando-o de modo que o disco fique suspenso, à distância de algumas polegadas, sobre uma página impressa em tipo pequeno e fino. Faça-se girar o disco na razão de 5 a 6 voltas por segundo. Se se olhar a página impressa, através do triângulo cortado no disco, enquanto este gira, as letras pretas aparecerão vermelhas, especialmente se se tiver a precaução de evitar sombras, e a de evitar que a página receba uma luz muito brilhante.



O COLAR DE CONTAS

(Solução)

O número de colares diferentes com oito contas, e nas condições exigidas, é de 30.

Uma solução geral para qualquer número de contas seria difícil senão impossível.

Mas tratando-se apenas de oito contas os leitores não terão de certo tido dificuldade em encontrar a solução certa, pela simples experiência.



DECISÃO RÁPIDA

O freguês (para o cocheiro):— Bem, estamos chegados. Vou-lhe mandar dar alguma coisa a beber... O que prefere, aguardente, cerveja ou um grog?

O cocheiro:— Ai, patrão, pode ser um copinho de aguardente... e enquanto o grog não estiver pronto, uma meia cerveja!



Um indivíduo acerca-se doutro e pergunta-lhe:

— Tem a bondade de indicar-me um hotel onde se possa jantar por cinco ou seis escudos?

— Pois não! Ali defronte.

— Muito obrigado. Agora faz-me o favor de me dizer onde poderei arranjar os cinco ou seis escudos?

VERDADEIRO OPTIMISMO

O padre:— No meio de todos os seus males, srs.^{as} D. Jacinta, aprás-me vêr que não deixa de ser sempre reconhecida a Deus.

D. Jacinta:— Lá isso é verdade. O reumatismo custa muito a suportar, realmente; mas devo dar graças a Deus por ter ainda pernas para o sentir nelas.



— Porque está aquele rapazito a chorar? — perguntou a bondosa senhora de idade ao rapaz mais crescido.

— É porque aquele outro pequeno tirou-lhe uma laranja que éle tinha — foi a resposta do mais velho.

— Mas como se dá o caso da laranja estar agora em teu poder, segundo vejo? — tornou a senhora.

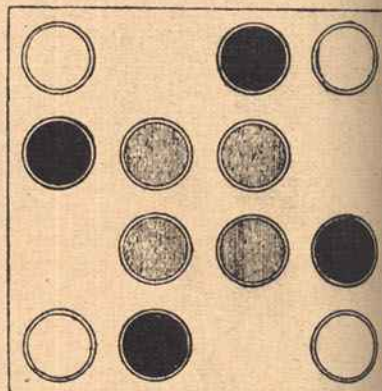
— Está em meu poder agora, porque eu sou o advogado do rapazito.



O Soares dizia que a Leonor, sua mulher, não era capaz de escrever uma carta sem lhe pôr um *post-scriptum*, e resolveram apostar. Leonor escreveu a carta, e teria talvez ganho, mas escangalhou tudo acrescentando ao final de «Tua estremosa mulher, Leonor» as seguintes palavras: «P. S. — Então, quem ganhou a aposta?».

TRANSFERÊNCIA DE DISCOS

(Passatempo)

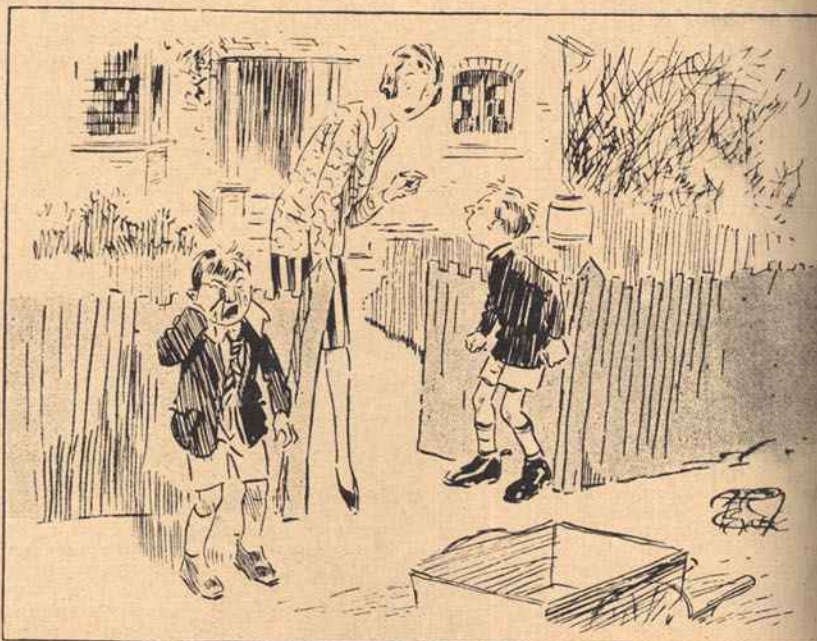


Divida-se este quadrado em quatro partes iguais e, colocando essas quatro partes diferentemente, proceda-se de modo a ter os quatro discos pretos nos quatro cantos do quadrado, ficando os discos pardos no meio.



DESEJO MODERADO

A esposa (cujo marido vai tomar parte numa corrida de automóveis):— Vê lá, Artur, pelo amor de Deus, volta o menos feito em pedaços que fôr possível.



CASUS BELLI

A mãe:— Porque andas tu sempre a bater neste rapaz, teu vizinho?
O filho:— Porque éle não quer ser meu amigo!

A «TORRE DEL ORO»

Esta «Torre del Oro», volumosa e rígida como um bispo com a capa pluvial, vai seguindo, sem desmanchar o círculo de biombos que a formam, e com o seu magnífico nome, que, se nasceu dos azulejos árcos da época mourisca, recorda como no pético estojo se encerrava o oiro dos galeões.

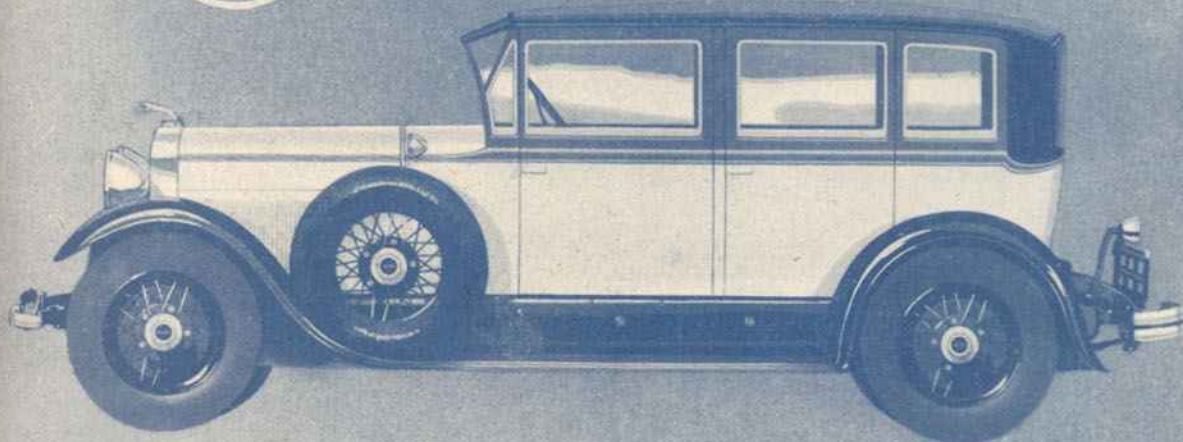
F. GARCIA SANCHIZ.

A «Torre del Oro» evoca riquezas duma época longínqua; o *Lincoln* recorda opulências e sumptuosidades do nosso tempo. Por isso, *Lincoln* é o carro do mundo selecto e abastado. *Lincoln* é o carro moderno que exprime mais exactamente a alta posição, a elegância e a riqueza. Nêle se reünem as melhores qualidades de funcionamento, linha e cosmopolitismo.

LINCOLN

Ford
COCHE Y
CAMIONES
Fordson
TRACTORES

Ford Motor Ibérica
BARCELONA



ROLDÓ TIROLETES S.A.

100 Kms. por hora sem novidade no motor



Foram, recentemente, levadas a efeito várias experiências que demonstraram que o "Mobiloil", assegura a lubrificação perfeita de automóveis lançados a uma velocidade horária de 100 quilómetros durante muitas horas consecutivas.

Assim, por muito grande que seja o esforço a que um dado motor moderno é submetido, nunca o poder lubrificante do

"Mobiloil" é afectado, pois a qualidade deste lubrificante, constantemente melhorada e aperfeiçoada, oferece uma grande margem de segurança.

Pode V. Ex.^a pois, sem apreensão exigir do seu automóvel um grande esforço, desde que o motor seja lubrificado com o tipo de "Mobiloil" para ele indicado na Tabela de Recomendações MOBILLOIL.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

VACUUM OIL COMPANY

Produtores da Gazolina "AUTO-GAZO."